

O Custo do medo – o efeito da violência nas micro e pequenas empresas

Adilson Mariano de Jesus Santos

adilsonator@hotmail.com ; adilsonmarianocont@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3253-7828>

Faculdade Pitágoras de Ipatinga – Ipatinga-MG – Brasil

+55 31 999976940

RESUMO

Informações do SEBRAE dão conta que em 2021, as micro e pequenas empresas foram responsáveis por 27% do PIB, 52% dos empregos registrados e 40% dos salários pago. Somam 8,9 empresas nestas condições. De outro lado a violência se tornou um grande problema de saúde pública no Brasil. O objetivo dessa pesquisa é demonstrar o efeito da violência nas micro e pequenas empresas da cidade de Ipatinga – MG. A compreensão de como a violência é percebida pelas ciências sociais é de suma importância para a relação medo e empreendedorismo. Embora não seja o foco do presente artigo, entende-se que não é possível ir à diante sem o entendimento de como o efeito da violência em seus múltiplos aspectos afetam a sociedade como um todo. No que tange ao micro e pequeno empresário, o mesmo pode encerrar atividade além dos efeitos psicológicos. Para essa pesquisa foi utilizada um levantamento bibliográfico, seguida de pesquisa qualitativa e quantitativa. Utilizou-se aplicação de questionário e entrevistas das vítimas da violência (empresas assaltadas) e relatórios policiais, reportagens, relatório e entrevistas com a Associação Comercial, Industrial, Agropecuária e de Prestação de Serviços de Ipatinga (Aciapi).

Palabras clave: micro e pequena empresa; empreendedorismo; violência; medo; ipatinga.

Correspondencia: adilsonator@hotmail.com

Artículo recibido: 23 junio 2022. Aceptado para publicación: 10 julio 2022.

Conflictos de Interés: Ninguna que declarar

Todo el contenido de **Ciencia Latina Revista Científica Multidisciplinar**, publicados en este sitio están disponibles bajo

Licencia [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) 

Como citar: de Jesus Santos, A. M. (2022) O Custo do medo – o efeito da violência nas micro e pequenas empresas.

Ciencia Latina Revista Científica Multidisciplinar, 6(4) 1044-1085. DOI: https://doi.org/10.37811/cl_rcm.v6i4.2644

The Cost of Fear – the effect of violence on micro and small businesses

ABSTRACT

Information from SEBRAE shows that in 2021, micro and small companies were responsible for 27% of GDP, 52% of registered jobs and 40% of salaries paid. There are 8.9 companies in these conditions. On the other hand, violence has become a major public health problem in Brazil. The objective of this research is to demonstrate the effect of violence on micro and small companies in the city of Ipatinga - MG. Understanding how violence is perceived by the social sciences is of paramount importance for the relationship between fear and entrepreneurship. Although it is not the focus of this article, it is understood that it is not possible to proceed without understanding how the effect of violence in its multiple aspects affects society as a whole. With regard to micro and small business, it can end activity beyond the psychological effects. For this research, a bibliographic survey was used, followed by qualitative and quantitative research. We used a questionnaire and interviews with victims of violence (companies robbed) and police reports, reports, reports and interviews with the Commercial, Industrial, Agricultural and Service Association of Ipatinga (Aciapi).

Keywords: *micro and small enterprises; entrepreneurship; violence; fear; ipatinga.*

1 INTRODUÇÃO

Ao tratar o tema da violência, inicialmente não é possível ir diretamente para os crimes contra o patrimônio do pequeno e microempresário, mas uma abordagem um pouco mais ampla. Desde 2013, o Município de Ipatinga, situado a Leste do Estado de Minas Gerais subiu drasticamente no ranking da criminalidade¹ (G1). Um marco notório quando o assunto é a falta de proteção é o descaso quanto a segurança nesta cidade.

A generalização da violência como modo de regulação das interações humanas supõe a multiplicação das formas pelas quais ela se manifesta (SOARES, 2004). Não se trata aqui de esgotar a descrição dessas formas, que, aliás, evoluem constantemente e às vezes desaparecem, antes mesmo de serem fixadas como tipos.

A articulação do conceito de violência geralmente é feita de forma bastante discutida. Costuma-se afirmar que as camadas mais pobres da população são mais violentas e causam a desordem social e as perturbações que assolam o país. Com raras exceções, os meios de comunicação de massa (jornais e televisão) tendem a reproduzir e reforçar esse preconceito (ARCARO E OLIVEIRA. 2016). Essa tendência de culpar as classes mais baixas pela violência social prevalecente obedece a uma ideologia que justifica o "status quo" (ALMEIDA, 1988). Essa ideologia predominante vê os pobres, sobretudo os negros, como a fonte da violência, ou seja, como "criminosos preferenciais". E esta afirmação não extingue o Município objeto de estudo desta tese, isto é, Ipatinga, contudo não é o objeto da presente pesquisa (ARAUJO, 2001).

Para operacionalizar a análise desta pesquisa, classificaram-se as manifestações de violência social apresentadas nos trabalhos de Goleman (1995) e Minayo (1994). Particularmente no que diz respeito à primeira violência que é estrutural, o tipo que separa na sociedade as classes, grupos e nações econômica e politicamente dominantes, uma violência que usa leis e instituições para manter uma situação de privilégios como

¹ Neste ranking da violência Ipatinga ocupa o 4º lugar. O levantamento feito pela Seds* analisa os dados somente de cidades de Minas Gerais com mais de 100 mil habitantes, deixando de fora, portanto, outros municípios do Vale do Aço como Timóteo e Santana do Paraíso, e contemplando os municípios de Ipatinga e Coronel Fabriciano. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/2013/06/ipatinga-ocupa-4-lugar-no-registro-de-crimes-violentos-em-minas-gerais.html>> Obtido em: 23/11/2020.

* A Secretaria de Estado de Defesa Social - foi criada em 2003 pelo Governador Aécio Neves, em substituição às Secretarias de Segurança e Justiça. A criação da SEDS vai além da junção dessas duas Secretarias, ela representa o início do delineamento de uma Política Estadual de Segurança Pública. Disponível em: <<http://www.seguranca.mg.gov.br/ajuda/page/58-secretaria-58>> Obtido em: 23/11/2020

se fosse natural. No que tange a violência contra o patrimônio, Mocan e Bali (2010) defendem que existe relação direta com os ciclos econômicos.

Um tanto como complexo a compreensão da gênese da violência, fato é que as micro e pequenas empresas são constantemente afetadas por furtos e roubos de todas as naturezas (ESPINHA, P. G.; MACHADO. 2020).. Infere-se que por se encontrar vulnerável com suas lojas de frente para as ruas, galerias e sem condição de prover segurança privada, sejam alvo fácil para todas as modalidades de violência, conforme apresentado na pesquisa de campo. Reforça-se o objetivo dessa pesquisa é demonstrar o efeito da violência nas micro e pequenas empresas da cidade de Ipatinga – MG.

2 METODOLOGIA

O presente tema se justifica por apresentar uma abordagem inédita relacionando violência urbana nas e o efeito econômico e psicossocial as micro e pequenas empresas. Essas, geralmente constituídas por empresários com recursos escassos para a implantação de sofisticados sistemas de segurança e que nem sempre podem arcar com seguros de roubos e furtos. Portanto, dependem em grande parte da segurança pública para exercer sua atividade econômica. Identificar os efeitos socioeconômicos da violência nesses pequenos empreendimentos poderá possibilitar discussões sobre melhorias organizacionais e segurança pública.

Em síntese, o problema de pesquisa se desenvolve na cidade de Ipatinga/MG (Brasil), cinqüenta e quatro anos de emancipação e aproximadamente duzentos e setenta mil habitantes, possui como principal economia a siderurgia e o comércio. De acordo com o SEBRAE e CDL o comércio é composto de micro e pequenas empresas atuantes no ramo varejista de bens e serviços (FREITAS, M, 2008). Essa atividade é diluída entre os bairros do município, gerando emprego e renda. Ipatinga é considerada a cidade de maior desenvolvimento econômico na Região Metropolitana do Vale do Aço (Ipatinga, Coronel Fabriciano, Timóteo e Santana do Paraíso). Por isso tem atraído não somente a atenção de migrantes, mas de ladrões. Constantemente o noticiário local registra ações de crimes contra o patrimônio nesses estabelecimentos, às vezes sucessivamente, culminando com o fechamento de algumas pequenas empresas.

Para compreender os efeitos da violência nesse segmento empresarial, faz-se a seguinte questão: Quais os efeitos da violência nas micro e pequenas empresas no município de Ipatinga-MG no período de 2010-2015?

No qual se tem como as seguintes hipóteses:

Aumento nos custos e evasão de receitas que culminam com o fechamento da empresa e dessa forma gerando passivo social por não ofertar mais o bem e serviço nessa comunidade.

Trata-se de pesquisa qualitativa com objetivo de identificar e compreender um fenômeno social, embora perpassa pelo quantitativo no processo de apuração do custo. Também é uma pesquisa exploratória, principalmente no que tange ao desenvolvimento dos termos e conceitos referente ao empreendedor, micro e pequeno empreendedor e medo. É uma pesquisa descritiva, pois busca especificar as características, perfis e as propriedades de um evento correlacionando com os efeitos (SAMPLERI, COLLADO e LUCIO, 2013), pois o efeito da violência nesse tipo de organização afeta direta e indiretamente diversos grupos de pessoas como proprietários, empregados e vizinhos próximos. Por buscar desenvolver um mapa da violência nas micro e pequenas empresas no período de 2018 a 2021 e quais os impactos econômicos nos resultados dessas organizações, considera-se como quantitativa. Porém, no viés dos efeitos sociais em como os afetados reagem após os crimes contra o patrimônio, caracteriza-se qualitativa.

As fontes de informações e dados para o mapeamento e a identificação das variáveis foram: Relatórios policiais à obtidos na delegacia da polícia civil de Ipatinga; Relatórios e entrevistas semi-estruturadas com dirigentes da ACDL – Associação Comercial e Lojistas de Ipatinga, ACIAPI – Associação Comercial e Industrial de Ipatinga; Órgãos de Segurança pública e Municipal de Ipatinga, empresas prestadoras do serviço de segurança privada e SEBRAE. Relatório Financeiro e Contábil das Organizações afetadas por crimes contra o patrimônio. Como fontes primárias serão aplicados questionários semi-estruturados aos comerciantes, empregados e vizinhos buscando compreender os efeitos sociais.

Considerou-se com unidades de análises as micro e pequenas empresas de Ipatinga, tendo como variáveis: As micro e pequenas empresas que foram assaltadas no município de Ipatinga no período de 2018 a 2021; Os proprietários de micro e pequenas empresas que encerram as atividades após serem vítimas de crimes contra o patrimônio; Os empregados que continuaram ou saíram das micro e pequenas empresas após serem assaltadas; Os vizinhos próximos das empresas que foram assaltadas.

Quantitativos – Levantou-se o número de empresas assaltadas e as classificou quanto aos ramos de atividade, região e porte; De posse das informações repassadas pelos

empreendedores desenhou-se relatórios financeiros para verificar os efeitos nos resultados econômicos das organizações.

Qualitativos – Através de entrevistas e aplicação de questionários semi-estruturados identificaram-se quais as sequelas emocionais nos proprietários, empregados, clientes e vizinhos após serem vítimas de furtos e roubos.

O recorte geográfico e temporal se deu pelos motivos abaixo:

A cidade de Ipatinga-Mg, considerada como a principal cidade da região metropolitana do Vale do Aço (Ipatinga, Coronel Fabriciano, Timóteo e Santana do Paraíso). A região metropolitana possui aproximadamente um milhão de habitantes sendo que Ipatinga corresponde por mais de 25%. No período de 2018 a 2021, se deve ao fato de que em 2008 a siderúrgica Usiminas anunciou expansão de sua área de produção, inclusive adquirindo grandes áreas na cidade limítrofe de Ipatinga, Santana do Paraíso. Dessa forma muitas pessoas buscaram a cidade como uma forma de oportunidade para novos negócios e novos empregos (SEDS, 2020).

Contudo, em 2010 a Usiminas cancelou o projeto e comunicou a crise financeira reduzindo os investimentos na cidade (EXAME, 2010). Dessa forma o aumento de migrantes e os negócios iniciados foram frustrados, o que poderá ter aumentado o índices de roubos, afetando o micro e pequeno empresário (SEDS, 2020).

Portanto, teve como limitação geográfica a cidade de Ipatinga e o temporal de 2018 à 2021.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Panorama da violência contra o patrimônio das micro e pequenas empresas

O pensador Schumpeter (1883-1950) dá a inovação das empresas o nome de "destruição criadora", este nome um tanto polêmico, instiga em nossas mentes alguns pensamentos sobre os perfis das empresas em Ipatinga que sofre furtos, que são vítimas dos furtos constantes. Schumpeter vai mais além ao que diz respeito a sua fala, quando ele cita sobre o capitalismo e seus impulsos chamativos, "o impulso fundamental que põe e mantém em funcionamento a máquina capitalista procede dos novos bens de consumo, dos novos métodos de produção ou transporte, dos novos mercados e das novas formas de organização industrial criados pela empresa capitalista" (SCHUMPETER, 1949, p. 105 e 106).

Na visão de Schumpeter, as organizações e empresas, sejam elas de vários perfis, inovam e procuram ferramentas que possam deixá-las com novas metodologias. Porém, o que se infere neste trabalho é quanto ao fato de correr risco. Enquanto Schumpeter menciona correr risco no processo de inovação, este trabalho amplia o conceito para o risco provocado pela violência contra o patrimônio, assim determinando quais são os custos desta violência.

Nos últimos três anos, em Ipatinga, cerca de 80% das empresas de todos os setores reconhecem terem sido vítimas de algum tipo de fraude. Roubo de material, por exemplo, é o que mais sofre seguido pela perda de informações. O reconhecimento é feito pelo CDL - Clube dos Dirigentes Lojistas que participaram de uma pesquisa municipal coletada no em uma Conferência na cidade de Ipatinga elaborada pela consultoria e apoio da Prefeitura Municipal de Ipatinga juntamente com os órgãos de segurança municipais. Danos por fraude a micro e pequenas empresas costumam-lhes, muita das vezes a falência, de acordo com o relatório. Destes, um em cada dez não conseguiu recuperar o roubado e/ou ficam seqüelas nos trabalhadores e/ou empresários donos de estabelecimentos.

Para realizar o desenho do mapa da violência, no que tange a micro e pequena empresa na cidade de Ipatinga, a metodologia adotada foi inicialmente o contato com a delegacia de polícia e batalhão da polícia militar, embora houvesse a boa vontade para as entrevistas, não foi possível identificar todos os dados necessários para a presente pesquisa como tipo e atividade e como ocorreu a violência. Tratava-se de números globais de furtos e roubos tanto de pessoas físicas como em pessoas jurídicas. A entrevista com os gestores possibilitou outros dados que também foram utilizados, não para a elaboração de um possível mapa da violência neste segmento.

Então foi necessário recorrer à outra fonte de dados, o jornal Diário do Aço, maior veículo de comunicação da cidade. Foi realizada pesquisa com o verbete “furtos em Ipatinga” e para a presente pesquisa focou nas dez primeiras páginas, totalizando cem matérias com o tema. Foram excluídos os furtos a pessoa física, residências e órgãos públicos, instituições religiosas e outras que não fosse possível identificar tratar-se de micro e pequena empresa no município de Ipatinga.

Foram feitas diversas tentativas de contato com estas empresas, objeto das reportagens, através de e-mails, telefonemas e algumas visitas presenciais. Foi demonstrado que se

tratava de uma pesquisa acadêmica, no ato apresentou-se documento do doutorando, carta do diretor de tese e breve relato dos objetivos. Porém, os proprietários quando encontrados davam a negativa para uma entrevista ou até mesmo a possibilidade de responder um questionário sobre o assunto. Todavia, a própria negativa permitiu a obtenção de alguns dados, que nas falas, representam um dos efeitos da violência nestas pequenas empresas, que são:

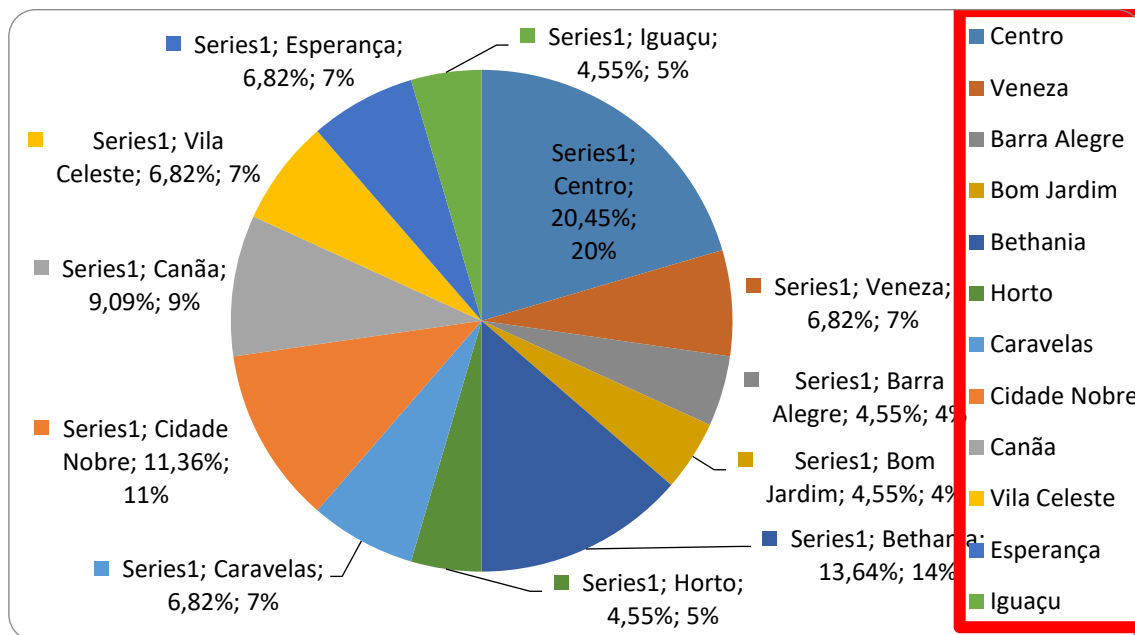
- “Não quero expor a minha empresa”; “A exposição foi negativa, perdemos clientes e não queremos mais falar sobre isto”; “Fomos ameaçados pelos ladrões”; “Não quero expor minha família” e “Fechei a empresa e não quero falar sobre isso”.

As expressões utilizadas falam por si e demonstram certo medo e as consequências após serem vítimas de furtos. Contudo, necessitava-se de elementos mais consistentes que auxiliaram na compreensão e para a análise do processo empírico da pesquisa. Assim como para o mapeamento da violência neste segmento. Passou-se então a entrar em contato com contadores e alguns empresários, de relação próxima ao pesquisador, para indicarem, caso conhecessem alguma empresa que tivesse sido alvo de furtos na cidade de Ipatinga. Novamente, assim como na construção do capítulo II, a técnica de snowball foi utilizada. Dessa forma chegou-se ao número de 44 amostras entrevistas, questionários e dados da polícia militar e publicações em jornais e periódicos.

Neste momento percebeu-se que as entrevistas e as reportagens dos jornais não apresentavam a mesma amostra, sendo que a grande maioria não havia sequer realizado o boletim de ocorrência, conforme será relatado no próximo capítulo quanto aos efeitos da violência nas micro e pequenas empresas vítima de furtos e roubos no município de Ipatinga. Sendo assim este mapeamento representa um possível esboço que permite vislumbrar quais os bairros mais atingidos, características dos assaltantes (idade, cor e gênero) individual ou em grupo e quanto a empresa quais as atividades mais afetadas. Dessa forma desenham-se perfis da vítima e do algoz.

Ao tocante da violência através de furtos e roubos a micro e pequena empresa na cidade de Ipatinga, a pesquisa constatou através de entrevistas (vítimas e delegacia de polícia militar) reportagens em jornal período janeiro de 2019 a janeiro de 2021 é que o centro da cidade é o mais afetado, conforme pode ser verificado na Figura 4.

Figura 1 – Mapeamento da violência contra micro e pequena empresa 2018-2021



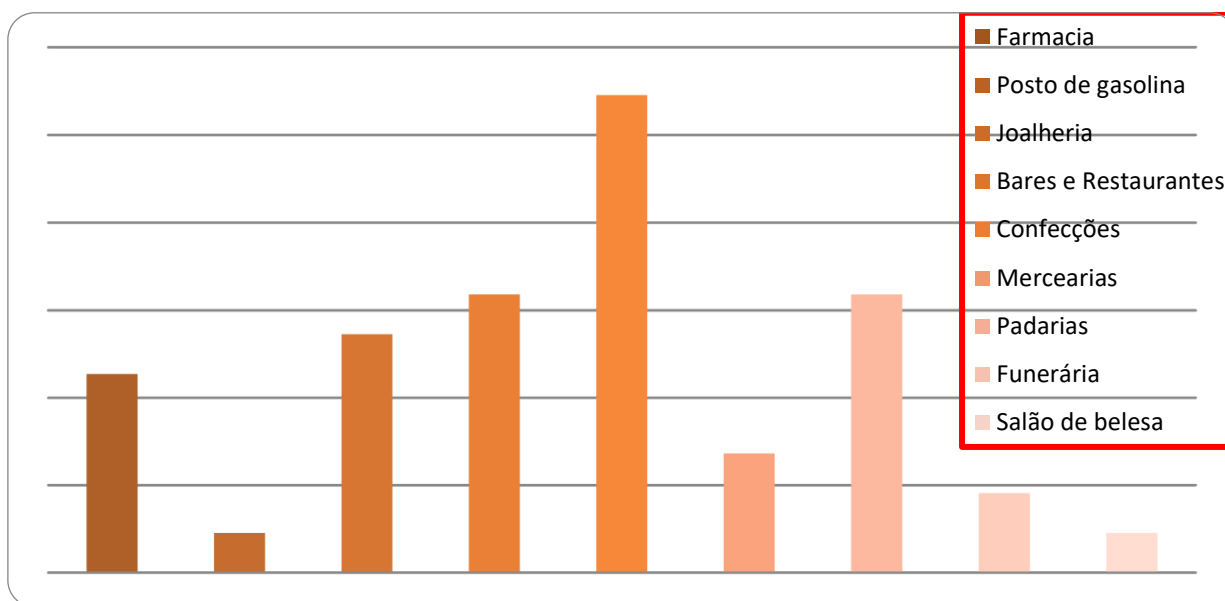
Fonte: Própria dados da pesquisa (2021)

A figura 1 representa os bairros citados em entrevistas, jornais e de acordo com informações da polícia militar e por isso podem aparecer divergências, uma vez que nem todas as ocorrências são realizadas. Observa-se que a área mais afetada é a do centro de Ipatinga, infere-se que é por conter maiores números de empresas (micros e pequenas) e desta forma atraem a atenção de ladrões. Não obstante é importante destacar que durante as entrevistas, os comerciantes dessa região central da cidade de Ipatinga reclamaram da ausência ou redução de rotas à noite e nos finais de semana. Segundo os mesmos, o centro vira uma cidade fantasma. O fato de não aparecerem outros bairros, não quer dizer que não ocorram furtos e roubos nos micros e pequenas empresas, mas que no período abrangido pela pesquisa (2019 a 2021) não foram efetuados boletins de ocorrência, noticiadas em jornais e nem citadas na metodologia snowball.

Veneza (concentra os bairros Veneza I e Veneza II), conforme citado no capítulo dois, pertence à área central da cidade. Dessa forma se pode considerar que a área central representa mais de ¼ de ocorrências de furtos e roubos ao micro e pequeno empresário. Embora afastados da área central, o Bairro Betânia (14%) e Cidade Nobre (11%), correspondem a outro ¼ das preferências de criminosos. Estes dois bairros possuem características potenciais: o primeiro é um dos maiores bairros da cidade e apresenta crescimento constante de bancos, comércios e prestação de serviços e o segundo é composto por classe média com melhor poder aquisitivo e por isso possui comércio e

prestação de serviços em alta oferta. Ambos os bairros possuem acessos a demais bairros e municípios da cidade, o que garante ao criminoso certa mobilidade de um ponto ao outro. Dessa forma, é possível perceber que 50% das áreas de maior violência ao micro e pequeno empresário concentram-se em quatro bairros (de acordo com o apurado nesta pesquisa).

Figura 2 - Atividades mais atingidas pela violência



Fonte: Próprios dados da pesquisa (2021)

Para esta pesquisa compreendem-se como atividades mais afetadas os ramos de atividade mais citados, desconsiderando-se o aspecto econômico e psicossocial uma vez seriam necessárias outras ferramentas metodológicas para este perfil, que fazem parte do escopo do presente trabalho. Foi possível identificar que 27% dos furtos e roubos neste período se deu contra o segmento de confeccões, estes números não aparecem nos relatórios oficiais da polícia militar e nem em jornais, pois de acordo com os proprietários denigrem a imagem do comércio e não apresentam resultados como a prisão dos criminosos e nem o retorno ou reembolso do que foi perdido. Este ramo de atividade está concentrado nos bairros Veneza e centro, uma vez que esta é a área mais afetada por este tipo de violência contra as empresas, é coerente que também representam este índice de 27%.

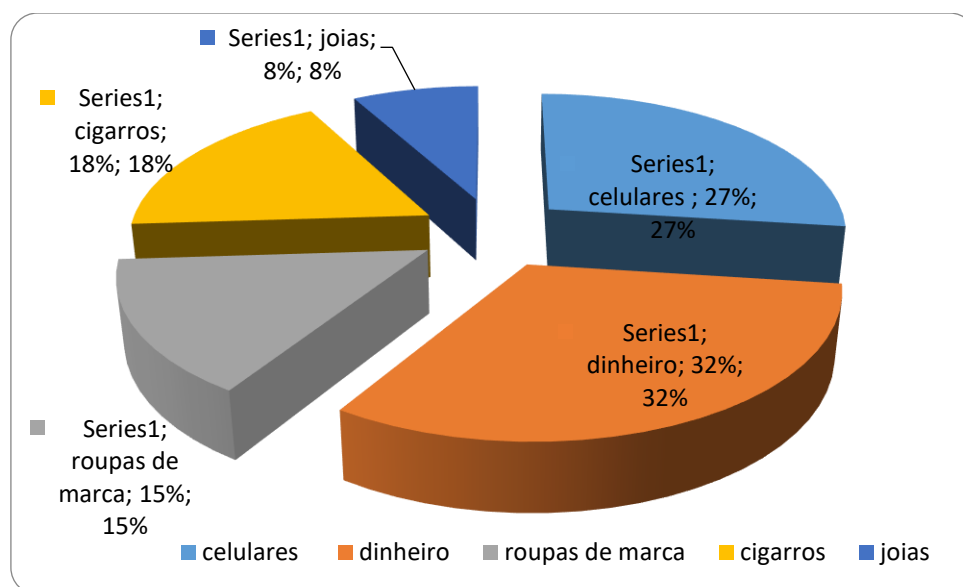
Farmácias (11%), Padarias (16%), Bares e Restaurantes (16%) correspondem a 43% do ramo de atividade que atraem criminosos. Embora não estejam concentradas na área central e estão distribuídos por toda cidade, estes ramos possuem características semelhantes que favorecem a ocorrência. Verificou-se na pesquisa que estes

estabelecimentos tendem a funcionar no início da madrugada permanecendo até o início de outra, ou não raro, em regime de 24 horas. Possuem freqüentadores clientes em posse de celulares e jóias; circulação em dinheiro; rotatividade de clientes e funcionários; comercializam produtos de fácil circulação como cigarros, remédios e bebidas. Os furtos tendem a ocorrer no início ou no final do expediente e geralmente são furtos a mão armada (ou simulação). Os furtos não ultrapassam cinco minutos e são cometidos por no mínimo duas pessoas. Estes também são aspectos aplicados nos postos de gasolina. Embora a cidade possua onze postos de gasolina, não é frequente a violência, como nas farmácias, padarias e bares e restaurantes, mesmo funcionando em regime de 24 horas, comercializando cigarros, bebidas e alta circulação de dinheiro. Porém, os postos possuem segurança privada, monitoramento e cofres com segredos e alarmes. De acordo com um entrevistado, os ladrões têm medo de assaltar postos, pois o risco é muito maior e o retorno é pequeno, geralmente roubam celulares dos funcionários e o dinheiro em caixa, que nem sempre é valor expressivo. Quanto às funerárias, são ao todo nove na cidade de Ipatinga e concentram-se na área central Veneza - Centro (próxima ao cemitério). Assim como nos postos de gasolina possuem melhor aparato de vigilância e segurança e conforme relato de um funcionário, “o ladrão tem que ser muito corajoso para assaltar um lugar com cheiro de morte”.

As joalherias (13%) representam potencial elevado, pois são vítimas de furtos e de roubos. Os relatos dão conta de que os furtos são violentos e ocorrem a qualquer momento do dia, do mês ou do ano. São furtos organizados com armas e veículos, não duram cinco minutos. Ocorrendo perseguição policial. Segundo os entrevistados, os furtos não ocorrem à noite por causa dos aparatos de segurança, alarme e cofre. Durante o dia a segurança é menos ostensiva, por causa dos clientes. Enquanto nas mercearias (7%) nem sempre a violência ocorre no estabelecimento mas no momento em que os proprietários ou gestores estão efetuando serviço bancário ou chegando em suas residências. Já os salões de beleza (2%) são em grande número, perfazendo todos os bairros da cidade. Os incidentes que ocorreram neste período não representam a rotina destes estabelecimentos. De acordo com a entrevistada, foi azar, os ladrões chegaram. Anunciaram o furto, pegaram os celulares, o dinheiro da gaveta e foram embora. Embora tenha sido perguntado no questionário, nas entrevistas e procurado nos relatórios e nas publicações sobre os eventos, nem sempre foi possível identificar o

gênero (masculino ou feminino), cor ou idade dos assaltantes. Contudo, o relatório de todos havia a certeza e alguns casos a sensação do envolvimento de menores de idade. De acordo com estes (embora possa ser uma avaliação não muito coerente) eles afirmam que pela voz, pelo porte tratava-se de menores de idade envolvidos. Nas ocorrências policiais e constatadas em alguns boletins é freqüente a presença de jovens e até crianças envolvidas em furtos e roubos, geralmente eles assumem a culpa de todo o roubo, uma vez que existe certa flexibilidade na legislação Brasília nestes casos.

Figura 3 – *Itens mais desejados pelos ladrões*



Fonte: dados da pesquisa (2021)

De acordo com os pesquisados os itens que mais são levados em furtos e roubos de micro e pequenas empresas, além do dinheiro em espécie que (32%), são celulares (27%) e cigarros (18%) que juntos representam quase 50%. Não quanto ao valor de mercado, mas pela facilidade com que os militantes conseguem converter o fruto da violência em dinheiro. Óbvio que estes itens estão relacionados aos tipos de atividade, o que fez com que chegasse a estes percentuais foram a quantidade em que os termos foram repetidos na pesquisa. Considerando que postos de combustíveis, restaurantes e padarias representam elevado percentual de ocorrências, e todos estes estabelecimentos comercializam cigarro e que clientes e funcionários fazem uso de celulares é compreensível o alto índice de referências quanto a estes dois itens. Já joias (8%) e roupas de marcas (15%) estão associadas ao segmento especializado de criminalidade que visam a subtração de artigos de luxo, que de acordo com as vítimas podem ser direcionadas para pessoas com poder aquisitivo e gosto mais apurado. Ou seja, é a receptação que

fomenta o crime de joias e confecções que utilizam marcas mais valorizadas para o comércio. Conciliando as entrevistas de vítimas e profissionais da segurança pública e privada é possível identificar que todos acreditam que os principais clientes destes produtos são pessoas de classe A e B, além de atender criminosos que ostentam marcas e joias oriundas da criminalidade. De qualquer forma, pode-se inferir que só existe a violência porque existe a receptação destas mercadorias.

As entrevistas e questionários (inclusive de farmácias e padarias) não destacaram outras mercadorias e produtos, exceto após o final das entrevistas quando mencionaram o consumo de bebidas e gêneros alimentícios. Como estas informações foram passadas após o final das entrevistas, optou-se em apresentar quanto das narrativas quanto ao efeito da violência nas micro e pequenas empresas, pois estes furtos afetaram significativamente a rotina dos estabelecimentos, principalmente bares e restaurantes, que será desenvolvido no próximo capítulo.

Dessa forma pode-se entender como se configura o mapeamento da violência no segmento do micro e pequena empresa no município de Ipatinga, quanto a territorialidade, tipos de atividade e principais itens de interesse dos criminosos. No próximo item serão abordados alguns pontos relevantes quanto a aspectos econômicos e sociais destas organizações, dentre estas: regime tributário, número de sócios, número de funcionários e a atividade econômica.

3.2 Os efeitos da violência nas micro e pequenas empresas

Foram realizadas entrevistas através de preenchimento de formulários e entrevistas presenciais. As questões abordadas traziam no bojo pontos sobre as condições em que ocorreram os crimes contra o patrimônio, se houve ataque físico às vítimas, o que foi levado pela empresa, quais os procedimentos posteriores ao evento e como eles impactaram no resultado da empresa. Inicialmente solicitou que os respondentes apresentassem relatório contábil, porém, não foi possível, pois de acordo com os proprietários nem toda a movimentação financeira que ocorre dentro da empresa é objeto de contabilização, por causa da carga tributária. Dentre as informações obtidas, constatou-se que nem todos os funcionários são registrados em carteira e que nem toda remuneração é reconhecida contabilmente. Percebeu-se que a contabilidade, para este segmento, funciona como serviço de apuração de tributos. Dessa forma, a questão de resultado econômico foi levantada com as informações orais dos proprietários. Quando

questionados quanto à violência contra as micros e pequenas empresas, os proprietários, em totalidade, citaram o governo e a carga tributária como algo mais violento e agressivo do que os próprios assaltantes, mas este e os demais assuntos serão apresentados ao longo deste capítulo. Além das entrevistas os relatos foram obtidos através das publicações do periódico de maior circulação no Vale do Aço que é o Diário do Aço.

3.2. 1 Relatos De Violência e Crimes Contra O Patrimônio Em Micros e Pequenas Empresas na Cidade de Ipatinga – MG

Antes das narrativas é importante diferenciar furto de roubo, conforme Caminhas e Filho(2020), ambos representam formas de crime contra o patrimônio material de outra pessoa e portanto, crime passível de prisão pelo Código Penal Brasileiro. O furto é a subtração material sem que ocorra a violência. Os crimes contra o patrimônio podem ser classificados em furto, furto qualificado e furto de coisa comum. Uma das características deste crime é que a vítima não corre risco físico. Já roubo (assalto), considerado como furto, trata-se de crime mais grave e com uso de violência, podendo ser fatal para um dos envolvidos, inclusive o criminoso (BRASIL, 1940). Para fins desta pesquisa utilizou-se o termo assalto, pois em algumas situações não havia pessoas no estabelecimento que pudesse caracterizar roubo, mas que para este trabalho seria tratado como uma forma de violência cometida contra o micro e pequena empresa. Em linhas gerais, o termo adotado em toda a narrativa será assalto.

Por questões de sigilo, os nomes e características físicas das vítimas serão omitidos, porém, os relatos buscam apresentar o cenário como ocorreu o processo, para então na sequência compreender os efeitos socioeconômicos, objetivo principal deste trabalho. Serão apresentados alguns recortes dos relatos e nem todos serão descritos, pois se assemelham à estrutura narrativa.

O destaque abaixo se refere ao furto em uma padaria, na qual estava no caixa uma funcionária e foi extraído de uma reportagem do jornal local. Aparentemente não houve violência física e nem vultoso. Porém, o funcionário teve propriedade particular roubada que por sinal não houve reposição por parte da empresa, que também foi roubada. A funcionária ainda permanece na empresa. De acordo com a mesma, demorou muito tempo para conseguir dormir, pois acordava a noite sentindo as mesmas sensações do momento do assalto. Não foi afastada, não obteve nenhuma assistência psicológica. Embora continue na mesma função e local, quase todos os dias tem sobressaltos de

medo. Já o microempresário alega não ser possível arcar com despesas psicológicas, afinal é risco da função, além de ser rotina, de acordo com este o empregado deve estar preparado e ficar tranqüilo, reações bruscas podem ser danosas.

“A funcionária da padaria, uma mulher de 37 anos, relatou que por volta das 8h, chegaram dois indivíduos ao local. Um deles portava uma arma de fogo e apontou o objeto para a vítima determinando que não gritasse ou corresse. O comparsa deste assaltante armado passou para parte interna do balcão e foi ao caixa onde roubou R\$ 100 e ainda maços de cigarros. Eles ainda tomaram da vítima o telefone celular. A dupla saiu correndo, depois de roubar” (Diário do Aço, 2021).

Quando perguntado ao empresário sobre os aspectos econômicos, o mesmo disse não ter precisado os valores, mas que recuperou na frente, sem dar maiores informações quanto ao “como”. Assim como os demais entrevistados, este, também não apresentou relatórios contábeis ou financeiros, pois nem todos os eventos são registrados por causa da carga tributária.

O próximo relato ocorreu em uma funerária, extraído de uma publicação no jornal da cidade, é rico em detalhes de como ocorreu o assalto. Tanto a empresa quanto os funcionários foram contatados para uma entrevista, porém não aceitaram, pois querem esquecer esta madrugada. Percebe-se neste recorte agressões físicas e psicológicas, embora nenhum bem material tenha sido subtraído da empresa, os ladrões levaram pertences dos empregados, inclusive um veículo utilizado para a fuga.

“Os bandidos amarraram os funcionários e fugiram levando dinheiro, além do carro de uma das vítimas. (...) O assalto foi registrado por volta das 4h45 da madrugada, conforme informaram as vítimas de 33 a 56 anos. Um dos funcionários informou que se encontrava dentro do carro, em frente a funerária. Ele escutou um barulho estranho e, ao verificar o que se tratava, deparou-se com dois marginais, um deles empunhando um revólver. Os criminosos levaram esta vítima para os fundos do estabelecimento, onde estava outro funcionário tomando café. As vítimas foram amarradas com cordas e camisas e os assaltantes roubaram os telefones celulares e cerca de R\$ 1,5mil, que estava com um dos funcionários.

Uma das vítimas conseguiu se libertar e correr até outra (...) para pedir socorro e acionar a polícia militar. O colega da outra empresa saiu para auxiliar e soltar a outra vítima amarrada. Este outro homem foi agredido na cabeça com uma coronhada da arma de fogo no momento em que foi rendido pelos ladrões.

A porta do escritório (...) chegou a ser arrombada, mas o proprietário não verificou o furto de qualquer objeto local. Toda a ação foi filmada por câmeras de segurança da empresa” (DIÁRIO DO AÇO, 2021).

O relato abaixo é sucinto, mas permite observar as técnicas de abordagem e a violência da cena. Embora a matéria utilize a expressão “simularam o assalto”, fato é que pessoas foram agredidas psicologicamente e jóias foram subtraídas. O proprietário aceitou ser entrevistado para o presente trabalho. Porém, no momento em que o entrevistador chegou na joalheria, o empresário entrou em pânico, não conseguindo expressar uma única palavra. Em prantos, balbuciou desculpas e retirou para o escritório. As funcionárias também ficaram atônitas. Pediram gentilmente que o entrevistador se retirasse, mas a simples presença do mesmo com o objetivo da entrevista fez com que todos vivessem o fatídico momento do assalto. De acordo com o empresário próximo, não foi a primeira vez em que a joalheria foi vítima de assaltos, mas era a mais recente. Constatou-se posteriormente (via e-mail) que nenhum dos funcionários foram desligados ou tiraram licença após o ocorrido. A loja ficou fechada por uma semana e depois todos voltaram ao trabalho. O proprietário e a esposa ainda fazem terapia.

“De acordo com as primeiras informações da Polícia Militar, eles chegaram em uma caminhonete, simularam estar armados e anunciaram o assalto. Os bandidos fugiram levando várias joias e abandonaram o veículo no Bairro Cidade Nova, em Santana do Paraíso. Ainda segundo a PM, a caminhonete foi roubada no município de Belo Oriente nesta quarta-feira (16). A ocorrência está em andamento e um helicóptero da PM está sendo usado nas buscas.” (G1, 2020)

Independente do valor ou da forma de abordagem, pode-se destacar no destaque seguinte, o uso do termo “simulando”. Isto porque o empregado não pode dar certeza de que o mesmo estivesse armado. Geralmente os assaltantes colocam a mão debaixo de uma camisa ou jaqueta, e apontam algo para a vítima. A orientação da Polícia Militar

é que não resista e não faça nenhum movimento brusco, o que pode parecer uma simulação pode não ser e transformar o momento em uma tragédia.

“De acordo com a vítima, o criminoso comprou um par de calçados no valor de R\$ 39,90. Cerca de meia hora depois, ele voltou e pediu para fazer a troca do calçado por um número maior. Assim que a jovem se preparava para atender o suposto cliente, o bandido anunciou os assaltos. Simulando estar armado, o criminoso roubou cerca de R\$ 240,00 do caixa, além de uma caixinha com notas de clientes que pagaram as compras com cartão de crédito ou débito. O marginal fugiu pela rua Mariana sentido Banco do Brasil (...)” (Diário do Aço, 2021)

Diferente do relato acima, o relato abaixo apresenta detalhes que permitem visualizar toda a cena. A entrevista foi concedida no mês de maio de 2021, cerca de três anos após o ocorrido em um bar e restaurante no bairro Veneza. O estabelecimento foi vítima de três assaltos, os outros foram rápidos levando somente o dinheiro do caixa, mas o último foi crucial para a vida da organização.

“O bar já tinha encerrado o movimento e estávamos eu, a assistente de cozinha concluindo a higienização e o acondicionamento dos alimentos. Meu filho estava fechando o caixa. Devido ao bom movimento do dia, fizemos três sangrias e os valores da quarta estavam sendo preparados. Chegaram dois rapazes, com bonés e perguntaram se poderiam fazer algum pedido. Meu filho fechou o caixa e dirigiu a cozinha para perguntar se poderia preparar marmitex. Antes que ele saísse da cozinha, os dois rapazes entraram na cozinha, um armado. Entrou no bar mais um rapaz da mesma idade, algo entre 15 e 18 anos. Fechou a porta e ficou dando cobertura. A arma na cabeça de meu filho, imagem que até hoje me atormenta, e os gritos pedindo a grana. Com as pernas tremendo corri até o caixa e disse que poderiam levar o que quisessem, mas que não fizessem nada com a gente. Viram o pouco dinheiro e pediram para abrir o cofre. Meu comércio era pequeno e não tínhamos um cofre. A sangria era feita levando para a minha casa, um apartamento próximo do meu ex-bar e restaurante. Moram eu, meu filho, minha mãe e um irmão. Fiquei com muito medo deles quererem ir até a minha casa e fazerem alguma com minha mãe, uma senhora de quase setenta anos.

Nem lembro direito o que disse, mas eles levaram os nossos celulares, deu uma coronhada na cabeça do meu filho e foram embora em uma moto. Esqueci de dizer, tinha três mesas com clientes, os ladrões levaram relógio, celulares, carteiras e jóias” (Relato de uma proprietária vítima de assaltos)

Em entrevista com o filho e a ex-proprietária se emocionaram e diversas vezes a mesma foi interrompida. Mas eles queriam contar a história para que o ocorrido servisse para alguma coisa boa, pois até o momento só havia medo e tristeza. A então proprietária havia trabalhado como cozinheira deste estabelecimento por cinco anos, quando juntou dinheiro e fez alguns empréstimos com amigos, para comprá-lo do dono anterior (que estava mudando para outra cidade). Quando foi vítima deste terceiro assalto o estabelecimento a pertencia há cerca de seis anos. Estabelecimento com boa reputação e clientela frequentemente. Participou de diversos festivais de culinária obtendo bons resultados. O movimento crescia então resolveu solicitar dinheiro para fluxo de caixa, meses antes do assalto.

Com este incidente não teve mais ânimo de continuar com o negócio. O medo a assolava todos os dias. Não tinha condições de encarar os clientes que foram roubados. O movimento foi caindo. Não saiu nenhuma notícia nos jornais, mas foi feito o boletim de ocorrência, que de acordo com fala do filho “não deu em nada”. Com dívida para pagar, o movimento caindo e o estresse sofrido (sem ter condições de pagar tratamento psicológico) em alguns meses encerrou o funcionamento do bar e restaurante. Segundo os mesmos, os clientes cativos faziam campanhas para melhorar o movimento, inclusive artistas e cantores frequentavam o empreendimento e em parceria realizavam shows, mas não conseguiram vencer a chegou a morte para o estabelecimento com uma gloriosa história e provavelmente um futuro promissor. Hoje ela trabalha como cuidadora de um casal de idosos ganhando um salário mínimo (R\$ 1.100,00), o filho em uma empresa de segurança privada e os ex-empregados não sabem por onde andam. Quando perguntada se possui vontade de retomar os negócios, ela afirma categoricamente que nunca mais. Ainda hoje, tanto ela quanto o filho ainda passam por pesadelos revivendo o ocorrido. No relato anterior, um dos medos da vítima era que os assaltantes fossem até sua residência, no próximo relato os assaltantes planejaram e executaram o assalto na casa do comerciante, pois, de acordo com a matéria eles estavam acompanhando a rotina do

pequeno empresário, o que de certa forma assemelha ao trabalho de Garcia e VIECLI (2018).

“Os assaltantes renderam a esposa da vítima, uma mulher de 46 anos, e a filha, uma criança de apenas 9 anos. Eles invadiram a residência do comerciante por volta das 15h40 e surpreenderam a moradora que se encontrava no sofá. Com o uso de fita adesiva prateada, a dupla amarrrou mãe e filha após colocá-las em um quarto. Com as duas dominadas, os autores arrombaram a porta de uma dispensa e pegaram todo o dinheiro guardado no local. O comerciante informou aos policiais militares, que não se encontrava no local, no momento do roubo, havia a quantia de R\$ 100 mil entre dinheiro e cheques de clientes. (...) Por meio de câmeras de segurança nas proximidades, policiais militares viram que os autores fugiram pela estrada em direção (...). Eles estavam usando máscaras de proteção e ambos eram magros e morenos. A dupla não ficou cinco minutos na casa assaltada” (Diário do Aço, 2021)

Embora as vítimas tenham se recusado a dar entrevista nesta pesquisa, a empresa continua em funcionamento e os criminosos não foram presos. É importante ressaltar que o assalto ocorreu na residência do proprietário afetando diretamente uma criança de nove anos e a mãe que foram amarradas, fragilizadas e provavelmente com medo. O assalto ocorreu à luz do dia às 15:40 durando cerca de cinco minutos. Pode-se inferir os danos psicológicos nesta mãe e filha.

O próximo relato demonstra mais uma vez o envolvimento de menores de idade como causadores da violência. Foi realizado o boletim de ocorrência, mas não houve prisão. As vítimas não aceitaram ser entrevistadas para esta pesquisa.

“De acordo com a comerciante, o crime aconteceu por volta das 20h30, de segunda-feira (9) quando ela e uma testemunha foram rendidas pelos assaltantes. Primeiramente, o trio se passou por clientes e olharam os (...) como se quisessem comprar. Logo em seguida um dos indivíduos colocou a mão na cintura e anunciou o roubo. Após o roubo o trio fugiu correndo (...). Dois dos três criminosos tinham a aparência de serem adolescentes, além de

um deles ter comparecido à soverteria, horas antes, para saber o horário que o estabelecimento encerrava o atendimento.”

(Diário do Aço, 2020)

Embora a maioria dos relatos menciona que os assaltos são cometidos por duas pessoas, existem casos como o da joalheira, apresentado anteriormente e o próximo em que o crime é cometido por quadrilhas. Segundo a polícia militar, são grupos organizados que atacam determinado tipo de comércio (joalherias e lojas de móveis). A polícia alerta que estes grupos são perigosos e que comerciantes e empresários devem buscar manter o controle para que não ocorra o pior.

“Na sequência, os assaltantes foram para uma loja de móveis ao lado onde também renderam funcionários. Uma das vítimas relatou que dois dos assaltantes portavam armas de fogo e determinaram que entregassem o dinheiro do caixa, de onde recolheram R\$ 1.400. Depois dos roubos a quadrilha fugiu sentido ao (...). No total, cinco pessoas estão relacionadas como vítimas dos assaltantes.” (Diário do Aço, 2020).

O próximo relato apresenta novo tipo de gangue chamada de “gangue da marcha á ré”, no qual os criminosos adentraram o estabelecimento comercial, principalmente de marcas e joalherias, com a traseira de um veículo. Atuam em número de quatro ou cinco pessoas e utilizam dois carros. Uma das vítimas permitiu a entrevista colaborando com maior riqueza de detalhes e demonstra claramente os custos que este crime gerou economicamente e psicologicamente, assim como conseguiu retomar o seu negócio.

“Uma loja de roupas foi arrombada e furtada na madrugada desta sexta-feira (1), no Centro de Ipatinga. Segundo informações da Polícia Militar, os bandidos usaram um carro para destruir a porta do estabelecimento. Os prejuízos ainda não foram contabilizados. Ainda de acordo com a PM, eles roubaram um carro e depois usaram o veículo para arrombar a loja. Após quebrar a porta, os criminosos entraram no local e furtaram várias peças de roupas. Em seguida, eles fugiram e até o momento não foram identificados. O dono do estabelecimento informou que esta é a segunda vez neste ano que a loja foi alvo de criminosos.” (G1, Vales de Minas. 2017).

O mesmo evento foi noticiado no jornal de maior circulação da cidade, Diário do Aço. De acordo com a reportagem, os criminosos atuam planejando os assaltos, primeiramente visitando o local como cliente. Na entrevista concedida a esta pesquisa, a vítima acrescenta que dias anteriores uma mulher bem arrumada e bem espontânea passou cerca de duas horas conversando sobre negócios e sobre a empresa. Neste tempo ela observou a segurança e a forma que a loja era trancada. Porém, ela não observou que havia uma barra de ferro de um dos lados da porta e por isso a primeira tentativa de roubo foi frustrada.

“Conforme a Polícia Militar, por volta de 4h10 da madrugada de hoje, um Chevrolet Moza de cor vinho foi acelerado contra a porta de aço da loja. Com o buraco aberto na lateral da porta, criminosos invadiram o estabelecimento e carregaram tudo o que era possível. A Polícia Militar foi avisada por testemunhas, via telefone 190. Policiais foram ao local e confirmaram que o arrombamento ocorreu na loja (...). Os arrombadores levaram principalmente calças, camisas e bonés. Essa não foi a primeira vez que os criminosos atacaram neste estabelecimento. No mês passado houve uma tentativa de arrombamento, também, utilizando um veículo, mas o ataque falou e os bandidos fugiram sem nada levar.

Em entrevista ao Portal Diário do Aço (....) disse acreditar que os criminosos levam cerca de 300 calças, com preço médio de R\$ 150 cada uma. O lojista também conferia o número de camisas e outros produtos levados. O prejuízo do comerciante inclui a quebra de vários manequins, vidraças e outros bens. Conforme o lojista, no primeiro ataque ocorrido há menos de um mês, os arrombadores não conseguiram entrar porque havia uma barra que reforçava a segurança da porta. Mesmo assim teve um prejuízo de R\$ 43 mil. Dessa vez, (...) acredita que os criminosos foram à loja, observaram o dispositivo e quando foram atacar, jogaram o carro um pouco mais para um dos cantos da porta, provocando rompimento da lateral, por onde entraram.” (Diário do Aço, 2019).

O empreendedor permitiu conceder entrevista para este trabalho e confirmou todos os dados da reportagem, acrescentando elementos novos sobre o evento, que muito contribuiu para a presente pesquisa. Segundo ele a polícia conseguiu recuperar 70% “isso

por intervenção de amigos que trabalham na polícia, pois a grande maioria dos lojistas não conseguem.

De acordo com o mesmo, quando a polícia chegou, fez o boletim de ocorrência e disse que se soubesse de alguma coisa, entraram em contato, mas que raramente conseguem reaver. Porém, *“como sou amigo de patentes altas da polícia, liguei e em instantes a rua lotou de policiais e viaturas”*. Na mesma madrugada conseguiram pegar um dos assaltantes que entregaram os demais.

Quanto às mercadorias recuperadas já estavam danificadas, por graxa (da porta), amarrotadas e algumas sujas. Algumas peças foram danificadas para transformarem-se em sacolas (amarram as mangas das camisas). Tiveram que colocar as roupas em promoção em valores muito inferiores aos do custo e outras foram doadas para uma instituição de caridade. Segundo o empreendedor, levaram seis meses para recuperar pequena parte do prejuízo, algo em torno de apenas R\$ 12.000,00 (doze mil Reais).

Com a grande perda de estoque de mercadorias, o estabelecimento ficou fechado por duas semanas, até que ocorresse a renovação do estoque. No entanto, quando abriram novamente as portas o estabelecimento ficou estigmatizado, embora *“outras lojas sejam todos os dias, somente eu tive coragem de ir na televisão e nos jornais para avisar os lojistas sobre a gangue da marcha a ré”*.

Quando perguntado de como conseguiu reerguer o mesmo disse que os fornecedores deram suporte ao empresário. Anteciparam pedidos realizados pela empresa para a renovação do estoque, dando 12 meses de carência, e 60% em 8 vezes. Outro fato que chamou a atenção no momento da entrevista foi a emoção do empreendedor em relembrar o ocorrido. Por diversas vezes a mesma foi interrompida.

Por tratar-se de loja antiga, outros comerciantes do centro, realizaram uma rifa, conseguindo obter o valor de R\$ 5.000,00 (cinco mil Reais) que o auxiliou para os pagamentos das despesas fixas no período de recuperação da empresa. Teve que demitir funcionários para reduzir a folha de pagamento. Aos poucos os clientes foram retornando. Segundo ele, quando as coisas já estavam melhorando surge a pandemia, fechando todo o comércio. Ele pensou em fechar a loja logo após as duas violências, uma empresa em funcionamento desde 1996, de onde retirou o sustento da família e a formação dos filhos, mas pensou no que faria. A loja é a sua vida.

Segundo a vítima, que ainda faz acompanhamento psicológico, não consegue dormir sem remédio e ainda acorda assustado com ladrões na loja. A primeira vez em que recebeu a ligação da vigilância sobre a tentativa de roubo a sensação foi ruim, porém da segunda vez a sensação foi de estar sendo violentado. Não acreditou quando chegou na porta de sua loja e ela estava quebrada, manequins, vidraças e balcões no chão. Pedacos de roupas esmagadas, sujas. Ao ver o fruto de uma vida destruída, sentiu como se o chão lhe faltasse. A esposa que estava ao lado começou a passar mal, porém, ele tinha que resolver a questão com a polícia. Acompanhou a noite toda, até que os criminosos foram encontrados e parte das mercadorias devolvidas.

Outro momento constrangedor foi quando na delegacia defronta com dois menores de idade e a mãe de um deles ofendendo o empresário e a polícia. Já pela manhã, a mãe e o menor de idade saíram pela porta da frente enquanto que ele quanto vítima permaneceu na delegacia. Segundo o empresário, a sensação de impotência e fraqueza foi a única coisa que conseguiu sentir. O desabafo que o mesmo faz é algo que precisa ser descrito literalmente, como segue:

“O Estado não faz nada, tive que pagar os impostos normalmente. Atrasei, paguei multa. Os meninos foram pegos, mas nem chegaram a ser presos, pois de acordo com o Juiz, não havia lugar para os prender e por serem menores de idade não poderiam ficar em outro local. Veja, fui roubado, minha loja destruída, tive que usar de contatos para que a policia fosse mais rápida. Passamos a madrugada nesta ação, para no final, eu ficar na delegacia resolvendo burocracia, enquanto a mãe de um dos ladrõezinhos brigava com as policias. Sairam todos livres. Eu fiquei com um monte de mercadoria danificada, uma loja quebrada e o meu emocional afetado.”

A esposa (que acompanhava a entrevista) confirmou que teve que alterar o chamado do telefone e que ainda hoje, em qualquer lugar, quando ele escuta o som, relembra o momento em que estava em casa e foi acordado pela chamada. Revive tudo novamente, começa a chorar e não consegue mais dormir. O casal faz acompanhamento psicológico para continuar a empreender. Alegam que mesmo com toda dificuldade, acredita que um dia voltarão a ter prazer na atividade, hoje é apenas um dia de cada vez.

Já estavam acostumados com pequenos assaltos, coisa comum e corriqueira em dias de grande movimentação como natal e dia dos namorados. Sempre que algo deste tipo

acontecias o proprietário conseguia reaver as mercadorias, pois sem medo corria atrás dos militantes. Mas hoje, não teriam mais esta coragem. Melhoraram a questão da segurança e não puderam em nenhum momento acrescentar os custos das perdas nos valores das mercadorias. Ainda estão em débitos, mas como eles mesmos disseram: *“Qual empresário brasileiro pode alegar que não esteja devendo”*.

Estes e outros relatos dão conta que independente do índice de violência, as vítimas desenvolvem síndrome de pânico e sofrem custos econômicos. Por tratar-se de micros e pequenas empresas não possuem com clareza o impacto nos resultados, mas percebem o qual traumático é ser uma vítima. No próximo item será abordado mais detalhadamente os efeitos da violência nas micros e pequenas empresas. Para finalizar este item o relato de uma das vítimas sintetiza a indignação dos demais:

A polícia prende, não pode bater para dar exemplo e depois os vagabundos saem e ainda passam no comércio da gente tirando onda. Aqui no meu bar eles não tem chance, mas é chato pra caramba ficar assim. Mas com Deus a gente vai vencendo. Não pode é ter medo. Tem que enfrentar com confiança em Deus e na polícia, na justiça você esquece. Justiça no Brasil é para bandido. Não tenho medo do ministério do trabalho, mas tenho medo dos empregados, que trabalham e depois levam a gente na justiça do trabalho. No Brasil, o dono de empresa é tratado como criminoso e tão leizinha que bagunça tudo. Criaram tantos direitos e despesas para a empresa que o dono gasta muito e o empregado ganha pouco.

3.2.2 Outros tipos violência

De acordo com os entrevistados, percebe-se que a maioria das pessoas experimenta uma resposta normal de choque e medo após ser roubada, isso é natural. O assaltado pode não ter nenhuma reação logo depois, porém mais tarde a vítima pode começar a se sentir mais angustiada com os acontecimentos. As repercussões de um crime como esse podem durar muito tempo. Quem já sofreu um assalto antes, pode estar com medo de ser assaltado novamente, ficando com medo de sair e estar em lugares públicos, adquirindo daí uma fobia ou até mesmo, uma psicose, conforme afirma França et al. (1988).

O trabalho de Garcia e Vicelili (2018) aponta que as vítimas de assaltos acham útil conversar com alguém sobre sentimentos como este. Todos os anos, nossos assistentes

sociais ajudam milhares de pessoas que foram afetadas por roubos, e você pode falar com eles em sigilo. Eles também são treinados para fornecer informações sobre indenizações e o sistema de justiça criminal. Ser confrontado por um ladrão, que pode ter uma arma, pode ser uma experiência assustadora para qualquer pessoa. Como o cidadão reage dependerá de muitos fatores diferentes - não apenas do crime, mas de coisas sobre você como pessoa e de como você lida com eventos difíceis em sua vida. Todo mundo vai responder de forma diferente, mas, independentemente do que a vítima sentir, é importante lembrar de que nunca a culpa é dela - apenas o ofensor é o culpado e ninguém tem o direito de pegar ou destruir suas coisas.

"Antigamente, quando eu saia da farmácia à noite depois de fechada, eu abria a porta, fechava e saia. Hoje não, hoje eu abro rápido, saio e olho nos cantos pra ver se tem alguém, pra que eu possa fechar. Pra não ser surpreendido na hora em que eu estiver fechando a farmácia. Então hoje eu fecho a farmácia, faço as coisas que tenho que fazer, e, em seguida, eu abro a porta novamente pra que eu possa sair. Então quando eu abro a porta, eu saio fora, olho os lados e as laterais, que são meio escuras. Se eu ver [sic] alguém, meu amigo (risos), ou eu corro rápido para dentro e chamo a polícia ou eu me mando e deixo a porta ali aberta." *Relato de uma operadora de caixa de uma farmácia.*

Não é possível falar de empresas mais ou menos afetadas pelos assaltos, pois é a área geográfica que é mais decisiva. Por trás disso está o grau diferente de proteção legal. Assim, Ipatinga é uma das cidades de Minas Gerais onde mais empresas já sofreram algum tipo de roubo. No que diz respeito à qualificação dos danos causados por fraude², o estudo identifica o setor dos serviços como o que apresenta maiores perdas, cerca de R\$ 10.000,00 em média por empresa, o que é mais do dobro da média de todos os setores. O setor farmacêutico também é um dos mais vulneráveis. Em termos de métodos de combate à fraude, a maioria das empresas (58%) designa a função de serviços ou vendas diretas como responsabilidade. Assim, o setor de farmácias (79%) e bares e restaurantes (70%) são os mais atingidos. Retornando o foco desta pesquisa, entre os crimes mais frequentes está em primeira instância, o furto de mercadorias,

² Além de furtos e roubos as empresas são vítimas de fraudes por estelionatários que podem ocorrer com uso de cheques e até mesmo eletrônicos como clonagem de celular, cartão de crédito e outros meios. Contudo, não é o foco da presente pesquisa. Todavia não pode ser ignorado quando o assunto são os efeitos da violência.

dinheiro, bens ou seguido de extorsão e fraude. De acordo com o setor, o comércio está mais sujeito a furto ou agressão de/com mercadorias, furto e fraude; a extorsão, roubo ou assaltos de mercadorias e roubo total ou parcial de veículo; e o serviço está mais sujeito a extorsão, furto ou agressão de mercadorias e atos de corrupção.

Já em relação ao porte, as micro e pequenas empresas, onde sua situação econômica, demonstra (via estatística) a ser vítima de furto ou agressão à mercadoria; as de médio e grande porte, por furto de mercadoria em trânsito em segunda e terceira, bem como furto total ou parcial de veículo. Em segundo lugar, a microempresa é vítima de extorsão, seguida de fraude; o pequeno, furto ou agressão de mercadoria e atos de corrupção.

Na entrevista concedida, o capitão da polícia militar, conta que os índices de roubo de médio e grande porte no município vêm decrescendo a 5 anos. Ainda de acordo com o mesmo há de se entender que o abalo psicológico, emocional que um empreendedor passa, afeta não só a pessoa jurídica, mas o estabelecimento, a confiança do cliente e um dano tanto quanto ou similar é a saúde financeira da empresa vítima de assaltos.

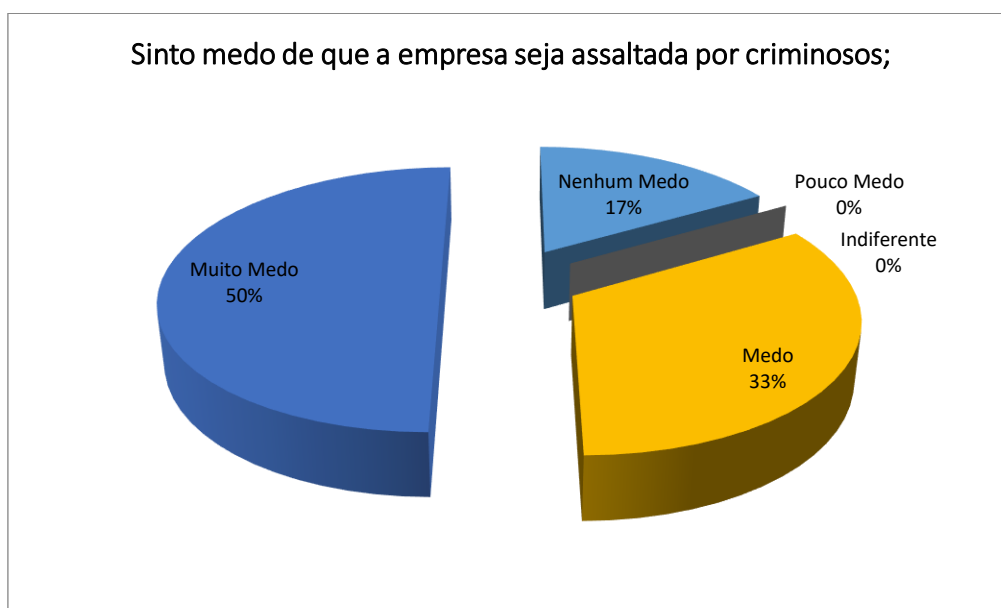
A violência pode retardar o crescimento e o desempenho de pequenas e médias empresas, conforme verificado nas entrevistas, alguns pequenos empreendimentos foram fechados, por causa da violência. Outra situação corroborada por todos os empresários entrevistados dão conta que as economias em desenvolvimento tendem a ser afetadas pela corrupção e recursos públicos limitados para controlar o crime. A questão principal é se o fardo do crime, especialmente para pequenas e médias empresas na cidade de Ipatinga, será aliviado com o crescimento das economias em desenvolvimento. Entendendo também, que a relação entre crime experimentado pelas empresas e o crescimento econômico tem sido pouco pesquisado.

Os ciclos econômicos indicam que durante os tempos em que a economia passa por crise, a atividade criminosa aumenta, conforme afirmam Arcaro e Oliveira (2016). Outra forma de violência contra a micro e pequena empresa que apareceu durante as entrevistas diz respeito a vandalismo e a pirataria (falsificação). O primeiro se manifesta através de pichações, quebra de vidraças, dejetos atirados na loja e até mesmo destruição de mercadorias, cuja finalidade não é o furto, mas a pura diversão. O segundo é mais complexo e ocorre em duas vertentes: a) realizada por fornecedores ou funcionários que colocam na empresa mercadorias falsificadas como se fosse verdadeiras, o que só é descoberto quando a polícia chega no estabelecimento fazendo as apreensões. b)

produtos comercializados pelo mercado informal nas vias públicas ou na internet, ocasionando uma concorrência desleal e c) a tributação brasileira (surgido durante as entrevistas).

Durante a aplicação do pré-teste percebeu-se que o empreendedor possuía a necessidade de manifestar os seus outros temores. Por isso, foi desenvolvido para na entrevista estruturada uma adaptação da escala Likert para as seis situações mais citadas na amostragem teste. Dessa forma elas foram apresentadas aos entrevistados na seguinte estrutura: nenhum medo, pouco medo, indiferente, tenho medo e muito medo. As situações apresentadas foram: Sinto medo de que a empresa seja assaltada por criminosos; Sinto medo de que a empresa seja roubada por funcionários (no exercício das atividades); Sinto medo de que a empresa perca clientes por causa da concorrência; Sinto medo de que a carga tributária brasileira afete a vida financeira da empresa; Sinto medo da fiscalização do Ministério do Trabalho; Sinto medo da fiscalização municipal.

Figura 4 – Grau do medo dos empreendedores de serem vítimas da violência quanto ao patrimônio

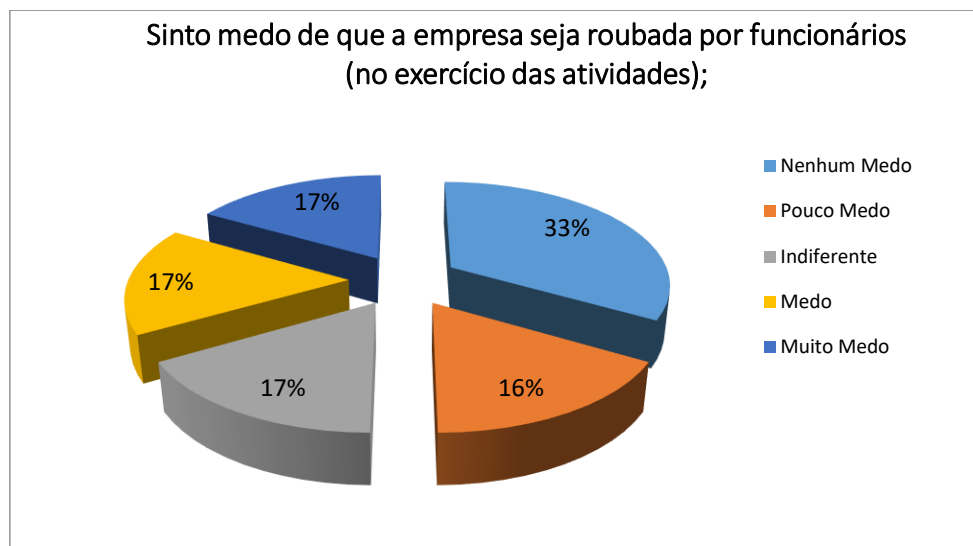


Fonte: Própria

Quanto ao medo de ser assaltada ou roubada por criminosos, 50% alegaram ter muito medo e 33% medo, ou seja 87% possuem grau de medo para muito medo. Contudo, 17% afirmam não possuir nenhum medo de serem vítimas desta violência. Ao serem convidados a justificarem suas respostas quanto a ausência de medo, disseram que a confiança em Deus é maior do que na polícia, quando não muito apresentaram armas de fogo como garantia de proteção (mesmo já sido alvo da violência).

Porém apenas 17% possuem muito medo e 16% pouco medo de serem roubados por funcionários no exercício das atividades, 33% responderam possuir nenhum medo. Pode-se inferir de que forma geral o micro e pequeno empreendedor possui certa confiança em seus empregados.

Figura 5— Grau medo de ser vítima de próprios funcionários



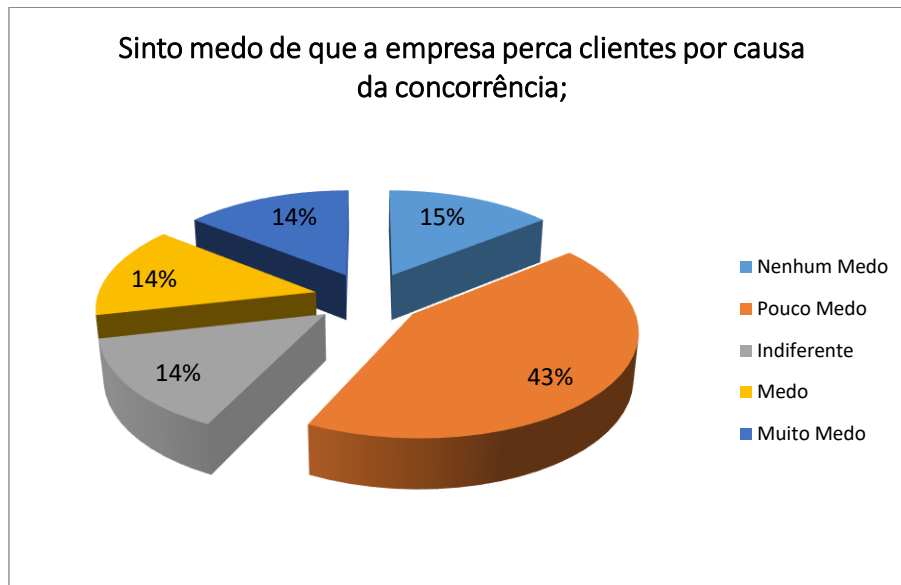
Fonte: Própria

Saindo da esfera de roubos e furtos para os demais medos que assolam o micro e pequeno empresário 43% possuem pouco medo da concorrência. Segundo eles, o mercado está para todos. Compreende-se que a clientela é livre e pode ir e vir de um estabelecimento para outro. O relato de um dos entrevistados ilustra com maestria o cenário competitivo:

“Não tenho medo de concorrente. Trabalho para atender bem o meu cliente como se fosse um empregado dele. Eu dependo dele, mas tenho certeza de que ele depende de mim. Faço o possível para atender da melhor forma possível. Se ele reclama eu vejo que se ele está certo, se estiver eu mudo, se não estiver que ele procure outro estabelecimento e assim a gente vive um dia depois do outro. Cliente chega e cliente sai, mas só os bons comerciantes é que ficam.”

Muito medo ficou com apenas 14% das respostas, mas alegaram que muitos microempresários “*morto de fome*” não faz as contas direito e oferecem a mercadoria até ao preço de custo para ganhar o cliente. Segundo eles, o empreendedor trabalha de graça e paga para carregar. O problema deste tipo de concorrência é que todos saem perdendo, pois vicia o cliente “*chorão*”.

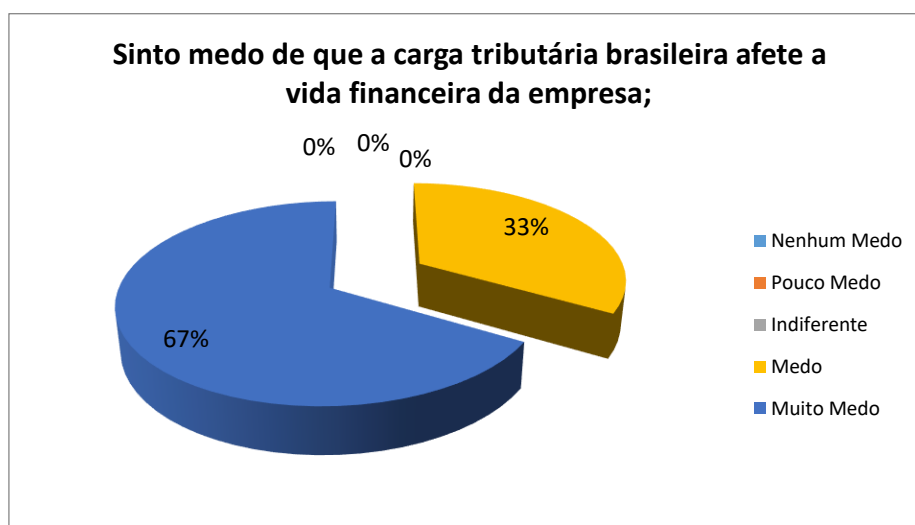
Figura 6– Grau de medo da concorrência



Fonte: Própria

O que chamou a atenção durante a pesquisa foi a necessidade de incluir a questão tributária. Pensava-se em tratar somente da violência na forma de furtos ou roubos. Não obstante, o retorno das respostas desenhou cenário no qual o Estado é tão violento, ou mais, do que o criminoso. 67% dos entrevistados afirmaram ter medo da carga tributária e que esta pode ser causa do encerramento de suas atividades. Embora sejam empresas optantes pelo Simples Nacional com uma simplificação no processo de apuração e alíquotas reduzidas, conforme trabalhado nos capítulos anteriores. Os empreendedores sentem-se incomodados principalmente com o ICMS e outros tributos indiretos, em muitos casos, adquirirem a mercadoria de outro estado são obrigados a arcar com mais de 6% sobre o valor da compra, isso sem que tenha vendido o produto. Reclamam da burocracia e principalmente da falta de apoio do governo a este segmento. Sem falar na burocracia com empregados e folha de pagamento. Diz um entrevistado: *“Esse tal de SEBRAE e GOVERNO aparece na televisão pra dizer que ajuda a gente, ajuda nada. Querem a nossa contribuição pra fazer buto pros outros verem. Na prática é só enrolação.*

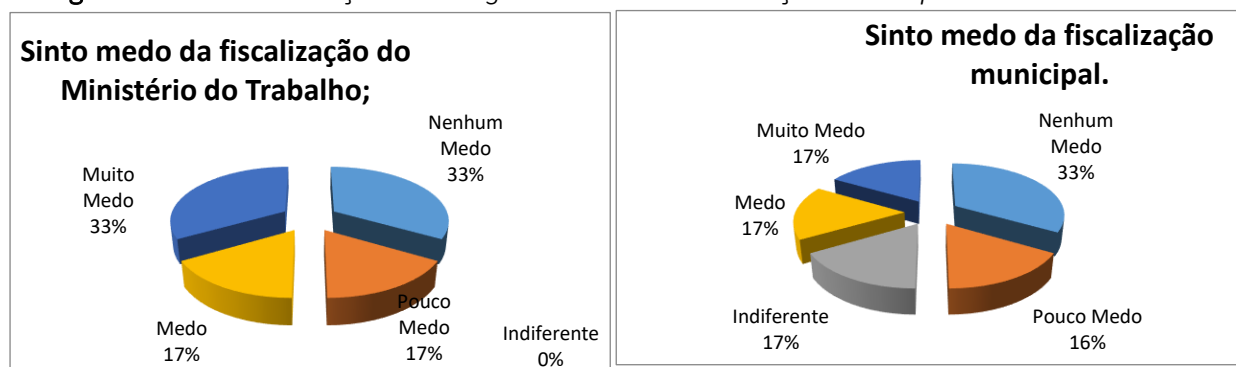
Figura 7 – Grau medo da carga tributária



Fonte: Própria

Praticamente todos os entrevistados demonstraram medo da carga tributária, uma vez que 33% responderam que possuem medo e 67% muito medo. Foi comum durante as entrevistas utilizarem o termo “governo corrupto”, “ladrão” e outras palavras que depreciam a ação do governo para com as micro e pequenas empresas. E, de certa forma disseram que fazem de tudo para trabalharem direitinho, mas o governo incita a arrumarem uma forma de sonegar, embora (segundo eles) jamais fariam uma coisa destas.

Figura 8 Medo Fiscalização MTB Figura 16 Medo Fiscalização Municipal



Fonte: Própria

As figuras 8 se referem ao medo no que diz respeito à fiscalização, ou seja, assim como o criminoso chega sorrateiramente para realizar o crime contra o patrimônio, o auditor fiscal costuma chegar sem avisar. Na comparação entre os auditores do ministério do trabalho e da prefeitura municipal 33% alegam não possuir nenhum medo, pois todos os empregados são de carteira assinada e as instalações não possuem nenhum problema.

Os dados dão conta que possuem mais medo da relação trabalhista do que da prefeitura, pois 33% afirmaram possuir muito medo da auditoria trabalhista enquanto que somente 17% possuem medo da prefeitura. Isto se deve ao fato de possuírem empregados sem vínculo trabalhista.

Então, conforme já citado anteriormente, empreender é correr risco, enfrentar os medos para os vencer. No próximo item será apresentado mais alguns efeitos da violência nas micro e pequenas empresas como alguns procedimentos adotados por aqueles que persistem em não encerrar a atividade.

3.2.3 Efeitos Econômicos

Não foi encontrada bibliografia, estudos ou dados secundários que demonstrem números efetivos de empresas que encerram as atividades por causa da violência. Somente a pesquisa empírica através das entrevistas pôde confirmar que sim, a empresa pode encerrar as atividades por ter sido assaltada. Para este fim serão apresentados relatos de duas situações de empresas, uma que foi assaltada uma única vez e outra que foi sucessivamente até que o proprietário desistiu e encerrou as atividades.

A empreendedora foi funcionária do bar e restaurante por muitos anos, passando de cozinheira para proprietária com o auxílio de filhos e amigos. A empresa, mesmo com os donos anteriores sofreu tentativa de roubo e algumas com pequenos sucessos, mas sempre com valores que não afetam a liquidez da empresa. Porém, conforme já relatado, a empresa foi vítima de um assalto em que mãe, filho, funcionários e clientes viram a arma na cabeça do jovem filho da proprietária. Os criminosos levaram o dinheiro do caixa, os pertences dos clientes e funcionários. O local ficou estigmatizado ocasionando a evasão de clientes. Ela havia feito empréstimo para fluxo de caixa. Neste cenário não teve condições de continuar a atividade comercial e encerrou a empresa com dívidas que até o momento (2021) não conseguiu arcar.

O segundo caso se trata de um comerciante no ramo de farmácia. O pequeno empreendimento estava em funcionamento desde os anos de 1990. Segundo o entrevistado, já havia passado por muitas crises e praticamente todos os programas de governo. Por ser o único estabelecimento de medicamentos no bairro, sempre teve boa movimentação de clientes. Quando perguntado se já havia sido vítima de assalto ou

roubo, disse sorrindo de já havia experimentado todos os tipos, inclusive de funcionários³ sem mencionar os impostos. Não lembra com certeza quando ocorreu o primeiro assalto, mas nunca houve violência física com ele e nem com funcionários. No início ele chamava a polícia, fazia boletim de ocorrência, mas desistiu, pois dias depois via os criminosos caminhando pela rua. A esposa sugeriu que mudassem para outro local, mas o imóvel era deles, o ponto era bom então não havia necessidade de aumentar os custos e correr o risco de não conseguir um ponto tão bom. Pararam de fazer boletim de ocorrência e decidiram fazer um seguro, mas não durou muito tempo, o seguro era alto e quando ocorriam os assaltos a burocracia fazia com eles desistissem do prêmio. De acordo com o empreendedor, a seguradora tinha tanta desconfiança e exigia tanta coisa que parecia que o criminoso era ele e não assaltante.

Geralmente os assaltos eram realizados à tardezinha, pensando em fechar as tardes, mas era o momento de melhor movimento. Tentou identificar quais eram os dias, mas não tinha rotina, poderia ser a qualquer dia do mês ou da semana, com movimento ou sem movimento. Então decidiu deixar a reserva para o ladrão, para não gerar problemas. A ação criminosa não durou cinco minutos. Todos os dias durante mais de vinte anos, ele, a esposa e os filhos faziam a sangria, deixavam aproximadamente uns R\$ 80,00 à R\$200,00 no caixa e tudo o que recebiam em dinheiro era jogado em uma pequena caixa debaixo do balcão disfarçada de lixo. Os crimes não acontecem todo dia, nem toda semana, mas era certo em algum momento do mês, uma ou duas vezes. Tendo mês de ocorrer até três vezes. Segundo ele *“era batata, chegava sozinho ou acompanhado usando boné vinha o anunciava do assaltos”*. Já estava ficando cansado daquilo tudo, os filhos não queriam mais trabalhar no estabelecimento da família quando em 2019, aconteceu a “gota d'água”, chegaram em número de três assaltantes, anunciaram o assalto e pediram que ele realizasse uma transferência, não de R\$ 200,00, mas de R\$ 15.000,00 em diversas contas. Não acreditando no que estava acontecendo, mas zelando pela segurança dos clientes e funcionário realizou as transações. Quando os criminosos foram embora, ele decidiu fechar a empresa e nunca mais abrir. Enquanto a empresa

³ O entrevistado entende que o fato de funcionários o levarem à justiça do trabalho foi um tipo de roubo, pois ele sempre pagou todos os direitos e nem sempre exigia recibos. Pagava na confiança. O empregado pedia demissão e ele mandava embora para que o funcionário recebesse o FGTS e o seguro desemprego. Depois o funcionário ia à justiça e cobrava coisa que nem tinha direito. O que na percepção dele pode ser considerado como roubo.

permaneceu em funcionamento para encerramento das atividades, ele optou em funcionar só em determinado horário, mas estava correto, as vendas caíram consideravelmente. Segundo relato do mesmo *“decidi fechar as portas, fiquei com medo de que os assaltos durassem mais do que os cinco minutos de sempre”*. Hoje o ponto está fechado. Não consegue alugar para nenhum comerciante, o ponto ficou marcado por causa dos sucessivos assaltos. Ele e a esposa com pouco mais de cinquenta anos não estão aposentados por não possuírem tempo de contribuição e nem idade para obterem o benefício. Dos três empregados, dois ficaram desempregados por quase um ano, buscando recolocação no mercado (de acordo com os mesmos). Observou-se que no bairro não existe outra farmácia, então desde 2019 a comunidade tem que se deslocar para outro bairro em busca de medicamentos.

Estas duas narrativas dão conta de que as empresas podem encerrar as atividades, contudo, conforme verificado nas entrevistas os empreendedores em sua maioria não conseguem identificar os reais custos dos valores em mercadorias, com frequência afirmam os valores em dinheiro. Mas quando são levadas mercadorias, celulares, os valores passam pela subjetividade tipo *“mais ou menos cinco mil”* o que impede mensurar os valores reais. Percebeu-se que a melhoria com a segurança só ocorre após serem vítimas de furto ou roubo, mas nem estes valores são incorporados ao custo da mercadoria vendida. Todos os entrevistados, os empreendedores que continuam com a atividade e os que já encerram, nenhum deles conseguiram incorporar esses custos e perdas nos preços para a venda de bens e serviços. Desta forma, entende-se que houve redução na lucratividade, mesmo não sendo possível identificar o quanto, mas se houve aumento das despesas e custo por causa da violência sem refletir no aumento das vendas é óbvio que o valor agregado sofreu redução.

3.2.7 Efeitos Psicológicos e Sociais

Conforme mencionado anteriormente considera-se como efeitos psicossociais, para fins desta pesquisa os seguintes fatores: Psicológicos nas vítimas da violência de furtos e roubos funcionários e empreendedores sociais a extinção de uma ação empreendedora que reduz a oferta de bens e serviços em determinada região. Para os primeiros a metodologia adotada foi a das entrevistas estruturadas com funcionários e empreendedora, algumas já apresentadas ao longo deste trabalho e a segunda pesquisa observacional não participante quanto inferindo a necessidade local da rua ou do bairro

da oferta de bens e serviços e entrevista informal com ex-cliente e moradores próximos. Infelizmente não foi possível grande amostragem, tendo em vista o medo que as pessoas possuem em comentar o assunto da violência, porém, por se tratar de pesquisa qualitativa os relatos foram suficientes para que contribuir com a presente pesquisa.

O ser humano quando exposto a uma situação estressante, neste caso podemos considerar os crimes contra o patrimônio como uma, tendem a apresentar algum sofrimento psicológico (Sellbom & Bagby, 2009; Weiner, 2007). Esta situação pode alterar a qualidade de vida da vítima, gerando redução da motivação para o desenvolvimento de atividades gerenciais, causando sentimentos de incompetência e, conseqüente, queda da autoestima (Kristensen, Schafer, & Busnello, 2010; Miller-Burke, Attridge & Fass, 1999).

Nas entrevistas realizadas com empreendedores, ex-empresários e funcionários foi possível perceber que o efeito psicológico varia de pessoa para pessoa e da intensidade que o mesmo ocorre. Nos relatos foi possível identificar empreendedores que, passados mais de anos, ainda possuem seqüelas psicológicas relacionadas ao evento. A sensação de violação e incapacidade diante da violência, mesmo que não tenha tido agressão física perdura e afeta não somente os negócios, mas toda a família. Uma das vítimas disse que ao chegar a sua loja, de madrugada, e ver vitrine quebrada, roupas no chão, manequins destruídos sentiu como se estivesse sido violentado. Não conseguia acreditar e imaginou se tratar de um pesadelo. O mesmo disse à esposa e sócia do empreendimento. O casal ainda tem acompanhamento psicológico. Pensaram em desistir, fechar o estabelecimento. O senhor alega que encontrou forças nos amigos lojistas, nos fornecedores e principalmente nos clientes. O ocorrido em 2018 e 2019 ainda apresenta seus efeitos psicológicos, pois fazem uso de remédios controlados. Mesmo em tratamento é comum um dos dois, principalmente o esposo, acordar no meio da noite tendo as mesmas sensações do momento em que viu a loja. Chora copiosamente, toma remédio e volta a dormir sob efeito de sedativos. Conforme já mencionado, este senhor não pode ouvir o toque do celular (que a esposa usava no dia do incidente) e independente do local ele sente que as pupilas dilatam e é tomado por medo e ansiedade. Isto já o deixou em situação constrangedora em eventos sociais sendo obrigada a sair do local tal a angústia que o assolava.

Outros relatos dão conta de palpitações ao irem para o estabelecimento, pois ficam com medo de chegar e encontrar a loja arrombada. Permanecem assustados por algum período e aos poucos vão se acostumando. Contudo, toda vez que se defronta com notícias em jornais sobre algo semelhante, sentem o peito inchar (de acordo com relatos). Fato é que perderam o encanto e a admiração pelo trabalho empreendedor. Mas ainda assim buscam tratamentos e melhoram a qualidade de vida através de atividades esportivas e recreativas. Os empreendedores entrevistados que ainda permanecem com os seus negócios, todos afirmam que optaram em tentar trabalhar menos e aproveitar mais, mesmo com tantas dificuldades ainda acreditam no seu empreendimento.

Quanto ao roubo, assim como apresentado no início deste item varia de pessoa para pessoa o impacto emocional e psicológico, assim como o grau de violência experimentado. Todos afirmaram que ficam com medo ao observarem atitudes suspeitas, conforme já relatado, porém, alguns casos são mais graves, como por exemplo o caso da mãe que viu o filho com uma arma na cabeça e a joalheira em houve a utilização de armas pesadas e perseguição policial.

No primeiro caso a empresa foi encerrada e a proprietária buscou novas formas de manutenção. Contudo, tanto ela quanto o filho disseram que suas noites foram prejudicadas. É comum um dos dois acordar durante a noite e chamar o outro. Se um vento entra pela janela e as cortinas se movimentam, eles saem correndo dos seus quartos assustados e não conseguem mais dormir. Às vezes quando estão na sala, no sofá assistindo a televisão um simples ruído os colocam de sobressalto. Fizeram acompanhamento psicológico por uns dias, não possuem condições para arcarem com os valores com profissional particular e têm que se sujeitar a fila de espera para o atendimento público, os remédios não são baratos. Buscam alternativas para melhorar a qualidade de vida, a última foi mudar do bairro que moravam há vinte anos para outro, pois não se sentiam bem ao passar próximo ao ex-estabelecimento.

No segundo caso a joalheria está em funcionamento no mesmo lugar, percebe-se que houve melhoria na segurança eletrônica. Para esta pesquisa entrou-se em contato por e-mail e por telefone. Conforme já mencionado, no momento da entrevista o proprietário e os empregados entraram em estado de choque, não conseguiram mencionar nenhuma palavra. Apenas olhos dilatados, respiração arfante. O pesquisador desculpou-se e saiu,

mas a simples cena desenvolvida permitiu que interesse a sequela da violência. Mais tarde soube que pessoas ligadas ao empreendedor que fazem acompanhamento psicológico, não fecharam a empresa, pois não conseguem ver perspectiva em outro negócio e muito menos em emprego. O estabelecimento passou de filhos a filhos. Ainda de acordo com esta fonte, eles pegaram-se na fé religiosa como forma de obter forças para conseguir dar andamento ao negócio da família.

Quanto aos efeitos sociais pode-se inferir que o fechamento de uma micro e pequena empresa coloca em posição de desempregados os funcionários e até mesmo os empreendedores. Gera passivo social, pois por algum tempo necessitam do apoio econômico do Estado. A não oferta de bens e serviços em determinada região exige-se que os clientes desloquem-se para outro local em busca do que possuía próximo, principalmente alimentação e remédio. Perguntado aos clientes da farmácia que residiam próximo ao estabelecimento se sentem falta da farmácia por perto, todos afirmaram que sim. Embora existam outras farmácias em outros bairros e que fazem a entrega de medicamentos, isso torna o remédio mais caro por causa do frete. Além do mais, sempre que necessitavam de algum medicamento ou atendimento de emergência a farmácia estava por perto.

O ponto comercial que foi roubado por diversas vezes não consegue mais ser locado. Ficou estigmatizado. O que é possível perceber, com as experiências relatadas é que para sobreviver a violência nas micro e pequenas empresas é necessário resiliência e apoio da rede de contato (clientes, fornecedores e concorrente).

Em síntese, os efeitos da violência nas micro e pequenas empresas vítimas de crimes contra o capital, podem ser analisados tanto na perspectiva social quanto econômica. Entende-se com impacto social tanto fato de ter que encerrar as atividades gerando desemprego e a não oferta de bens e serviços em determinada região. Neste caso, afeta também a situação econômica do município. A tabela 6 apresenta o efeito da violência no que tange a vida da empresa e a saúde do proprietário. Por se tratar de pesquisa qualitativa o número de entrevistados é irrelevante.

Tabela – 1 <i>Efeito da violência nos proprietários de empresas vítima de furto ou roubo</i>	
Sentiram-se normal após o incidente	8
Sentiram algum tipo de alteração psicológica ou física	36
Tiveram alteração de sono após o incidente (semanas)	16
Tiveram alteração de sono após o incidente (meses)	9
Tiveram alteração de sono após o incidente (anos)	6
Após o incidente necessitam de remédios para dormir	5
Aumento de ansiedade	27
Síndrome de pânico	8
Não procuraram ajuda médica	28
Procuram ajuda médica	8
Acompanhamento psicológico constante	4

Fonte: Própria

Participaram da pesquisa 44 empreendedores que de alguma forma foram vítimas de crime contra o patrimônio (furtos ou roubos). Responderam o questionário estruturado e concederam entrevistas. De acordo com os questionários e consultas, pode-se inferir que 36 vítimas sentiram algum tipo de alteração psicológica ou física e que destas 6 só conseguem dormir com uso de medicamentos. Enquanto que 28 não procuraram ajuda médica, 8 buscaram apoio de médicos e psicológicos, sendo 4 ainda permanecem em tratamento. Dessa forma pode-se inferir que a violência contra a micro e pequena empresa afeta a saúde do empreendedor com alguma normalidade, tendo em vista que 81,82% dos entrevistados sentiram algum tipo de alteração em sua saúde física e mental e que 9,09% permanecem com acompanhamento médico e 11,36% necessitam de remédio para dormir após o incidente.

Inferese que o fenômeno do fechamento da micro e pequena empresa, ocorra com alguma normalidade, pois conforme respostas obtidas nas entrevistas e destacadas na tabela 2.

Tabela 2 - Efeito da violência nas empresas vítimas de furto ou roubo	
Continuam atividade e não pretendem fechar motivado pela violência	25
Continuam atividade e pretendem fechar motivado pela violência	15
Fecharam a atividade	4

Fonte: Própria

Observe-se que nessa, sintetizando toda a pesquisa, os 44 empreendedores participantes se dividiram em três categorias quanto a continuidade ou não da atividade empreendedora. Destes 25 responderam que não pretendem encerrar a atividade da empresa por causa da violência, acreditam que a carga tributária é mais preocupante do que a violência, conforme já apresentado nesta pesquisa. Porém, 15 empreendedores encontram-se desmotivados e pretendem encerrar a atividade por causa da violência. Alegam que houve aumento de moradores em condições de rua e que os usuários de drogas rondam os estabelecimentos. Também, colocam a culpa na gestão de segurança. Não conseguem definir em qual momento irão fechar as portas, pois dependem da empresa para a sua subsistência. Contudo, 4 empreendedores já encerraram as atividades e alegam como motivo a violência. Assumem que não tiveram mais força e nem motivação para continuar insistindo na atividade. Mais uma pode-se inferir que o fenômeno do encerramento das atividades motivado pela violência ocorre com alguma normalidade.

4 CONCLUSÃO

Embora o tema não tenha sido esgotado. Durante a pesquisa encontrou-se muita dificuldade em uma bibliografia que conversasse diretamente com a temática violência e micro e pequena empresa. Durante o processo foram realizados recortes e inferências quanto aos conceitos e um possível estado da arte. Os três temas emergentes foram as características do medo, segurança privada e pública, e micro e pequenas empresas que são alvo de roubos e assaltos. Conclui-se que o aspecto econômico fica por conta dos investimentos em segurança eletrônica e física que aumentam os custos e as despesas sem que o empresário repasse para o valor final ao consumidor. Ora, se estes valores não são incorporados na composição do preço, fato é que a margem do valor agregado é encolhida. Porém, não foi possível mensurar estes valores, tendo em vista que as micros e pequenas empresas não possuíam registros contábeis ou financeiros, restando ao pesquisador utilizar as informações verbais tanto de empresários quanto de contadores.

Sendo que a empresa é subtraída de ativo, através do crime ao patrimônio na modalidade de furto ou roubo e ao mesmo tempo ocorre a majoração de despesas e custos na composição do preço final. Além de que os produtos roubados raramente são restituídos e quando são não possuem o mesmo valor para a comercialização.

O efeito psicológico afeta diretamente o efeito econômico. Observou-se que as seqüelas psicológicas afetam significativamente os resultados econômicos. Enquanto os empresários, vítimas da violência buscam qualidade de vida, menos tempo na empresa, efetuam gastos com psicólogos e remédios a produtividade tende a ser reduzida, o que poderá levar as empresas ao último ato de suas existências.

Dessa forma a hipótese de que as micro e pequenas empresas são afetadas pela violência patrimonial é confirmada, pois ocorre economicamente, com aumento dos custos em equipamentos, serviços de segurança e seguros contra roubo, que reduzem os resultados líquidos; e emocionalmente proprietário, empregados, clientes e vizinhos podem desenvolver síndrome de pânico. Esses aspectos tendem encerrar o ciclo de vida da própria organização. E que pode ocorrer com o aumento nos custos e evasão de receitas que culminam com o fechamento da empresa e dessa forma gerando passivo social por não ofertar mais o bem e serviço nessa comunidade. Assim como micro e pequeno empreendedor se adapta ajustando procedimentos de segurança, busca parcerias e consegue permanecer com a atividade, é confirmada.

REFERÊNCIAS

- ABIKO, K., ORNSTEIN, W. 2002, Coletânea HABITARE FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos
- ALMEIDA, A. W. B., 1988. Conflitos sociais no campo e cidadania. In: Em julgamento a Violência no Campo (E. Tajardo, org.), pp. 132-147, Rio de Janeiro: Fase.
- ARAUJO Jr., A. F.; Fajnzylber, P. O que causa a criminalidade violenta no Brasil? Uma análise a partir do modelo econômico do crime: 1981 a 1996. Discussion paper 162 - Universidade Federal de Minas Gerais, 2001. p. 88
- ARCARO, D. A.; OLIVEIRA, C. A. Efeitos de dissuasão do mercado de trabalho sobre o crime na região metropolitana de Porto Alegre. *Economic Analysis of Law Review*, v. 7, n. 2, p. 577-597, 2016.
- CAMINHAS, Diogo Alves. FILHO, Claudio Chaves Beato (2020). 'Todo ladrão vai trabalhar com a sua mente': O uso da força e de armas nos assaltos em Belo Horizonte,

- Minas Gerais. Dilemas, Rev. Estud. Conflito Controle Soc. – Rio de Janeiro – Vol. 13 – no 3 – SET-DEZ 2020 – pp. 645-667
- BECKER, Bertha K. e EGLER, Cláudio A. G. Brasil: uma nova potência regional na economia-mundo. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.
- BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. Diário Oficial da União,. Rio de Janeiro, 31 dez. 1940.
- CARPENA, F., COLE, S., SHAPIRO, J., & ZIA, B. (2015). The ABCs of Financial Education: Experimental Evidence on Attitudes, Behavior and Cognitive Biases (Policy Research Working Paper No. 7413). Washington, DC: Banco Mundial.
- DIÁRIO DO AÇO, Jornal. Vale do Aço 2000: Um século de história. Ipatinga - MG, 1999. 6 - 26 p.
- ESPINHA, P. G.; MACHADO, H. P. V. Reflexões sobre as dimensões do fracasso e mortalidade de pequenas empresas. Guarapuava, 2005. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/editora/revistas/capital>>. Acesso em: 05 Ago. 2020.
- EXAME (2010), Usiminas cancela projeto de construção de nova usina em MG. Disponível em <https://exame.com/negocios/usiminas-cancela-projeto-de-construcao-de-nova-usina-em-mg/> acessado em 20/10/2021
- FREITAS, M. Não foi por acaso: a história dos trabalhadores que construíram a Usiminas e morreram no Massacre de Ipatinga. São Paulo. Editora Comunicação de Fato, 2008.
- G1. NEV-USP. FBSP. Monitor de Violência. Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/monitor-da-violencia/2018/mortes-violentas-no-brasil>>. Obtido em: 23/11/2020
- G1. Ipatinga ocupa o 4º lugar no registro de crimes violentos. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/2013/06/ipatinga-ocupa-4-lugar-no-registro-de-crimes-violentos-em-minas-gerais.html>> Obtido em: 23/11/2020.
- GARCIA, D., & Viecili, J. (2018). As consequências do assalto para o trabalhador do comércio vitimizado [The consequences of robbery for victimized workplace employees]. Revista Psicologia Organizações e Trabalho, 18(2), 396–402.
- GEORGE, Pierre. Geografia econômica. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1991.
- Governo Federal do Brasil. Empresa Simples de Crédito pode injetar R\$ 20 bilhões por ano nos pequenos negócios. Brasil.gov.br . Recuperado em 24 de abril de 2019,

- em <http://www.brasil.gov.br/noticias/economia-e-financas/2019/04/empresa-simples-de-credito-pode-injetar-r-20-bilhoes-por-no-nos-pequenos-negocios>
- GOLEMAN, D. (1995). Emotional intelligence. New York: Bantam Books.
- HARRIES, K. Mapping crime: Principle e practice. Washington: CRMC 1999.
- IETS. Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade. (2012). Pesquisa sobre Microempreendedorismo em Domicílios nas Favelas com Unidades de Polícia Pacificadora . Rio de Janeiro.
- JUSTUS, M. J.; KASSOUF, A. L. Estudos econômicos das causas da criminalidade no Brasil: evidências e controvérsias. Revista Economia, v. 9, n. 2, 2008b
- MINAYO, M. C. S. & SOUZA, E. R., 1993. Violência para todos. Cadernos de Saúde Pública, 9: 65-78.
- MINAYO, M. C. S., 1990. Bibliografia Comentada da Produção Científica Brasileira sobre Violência e Saúde. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública. (Série Panorama, 2)
- PORTALDOAÇO. Número de Microempreendedores individuais cresce em Ipatinga. Disponível em: <<https://www.diariodoaco.com.br/noticia/0075508-numero-de-microempreendedores-individuais-cresce-em-ipatinga>>. Obtido em: 06/11/2020
- REDE INTER TV. Moradores de loteamento em Ipatinga vivem sem infraestrutura básica. Jornal MG TV, 1ª edição de 31 mar. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/vales-mg/mgintertv-1edicao/videos/v/calendario-moradores-reclamam-de-infraestrutura-no-bairro-vila-formosa-em-ipatinga/7724251/>>. Acesso em: 06 nov. 2020.
- SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. D. P. B.. Metodologia de pesquisa. 5 ed. Dados eletrônicos - Porto Alegre: Penso, 2013
- SCHUMPETER, J. A. (1949). Economic theory and entrepreneurial history. Change and the entrepreneur. Reprinted in Schumpeter: essays on entrepreneurs, innovations, business cycles and capitalism (edited by Clemence, R.V.). New Brunswick: Transaction Publishers, 1989.
- SEBRAE. Perfil do Microempreendedor Individual: 2016 . Brasília. Disponível em: <[https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal Sebrae/Anexos/PerfildoMEI2015.pdf](https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/PerfildoMEI2015.pdf)>. Obtido em: 04/11/2020

_____. Educação Financeira do MEI: Maio 2018 . Disponível em: <[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/fe6869d6dee6e276445bab70b4af687c/\\$File/9939.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/fe6869d6dee6e276445bab70b4af687c/$File/9939.pdf)> Obtido em: 04/11/2020

SEBRAE. (2016). Perfil do Microempreendedor Individual: 2015 . Brasília. Recuperado em [https://m.sebrae.com.br/Sebrae/PortalSebrae/Anexos/Perfil do MEI 2015.pdf](https://m.sebrae.com.br/Sebrae/PortalSebrae/Anexos/Perfil_do_MEI_2015.pdf)

SEDS. Secretaria de Estado de Defesa Social. Disponível em: <<http://www.seguranca.mg.gov.br/ajuda/page/58-secretaria-58>>. Obtido em: 23/11/2020

SOARES, R.R. Desenvolvimento, crime e punição: explicando as diferenças internacionais nas taxas de criminalidade. *Journal of Development Economics*, Chicago, v. 73, pp. 155-184, 2004

YONEMOTO, H. W. Os fatores externos e internos e a sua relação com o sucesso ou fracasso das empresas de pequena dimensão. Florianópolis, 1998. Disponível em: <<http://www.biblioteca.universia.net>>. Acesso em: 29 Jul. 2010.